

UNESP 
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

ALINE PATRÍCIA DE SOUZA

**DESVELANDO A SEXUALIDADE NA
EDUCAÇÃO:
REPENSANDO ESTRATÉGIAS PARA FORMAÇÃO DE
EDUCADORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL**



ARARAQUARA - SP
2021

ALINE PATRÍCIA DE SOUZA

**DESVELANDO A SEXUALIDADE NA
EDUCAÇÃO:
REPENSANDO ESTRATÉGIAS PARA FORMAÇÃO DE
EDUCADORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre pelo programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no campus de Araraquara.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Área de concentração: Formação de professores

Orientadora: Professora Dra. Débora Raquel da Costa Milani.

**ARARAQUARA - SP
2021**

S729d Souza, Aline Patrícia de
Desvelando a Sexualidade na Educação: Repensando estratégias para formação de educadores em Educação Sexual / Aline Patrícia de Souza. -- Araraquara, 2021
107 f.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Débora Raquel da Costa Milani

1. Formação continuada. 2. Educação Sexual. 3. Educação. I.
Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Fac Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ALINE PATRÍCIA DE SOUZA

**DESVELANDO A SEXUALIDADE NA
EDUCAÇÃO:
REPENSANDO ESTRATÉGIAS PARA FORMAÇÃO DE
EDUCADORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre pelo programa de Pós-graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, no campus de Araraquara.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Área de concentração: Formação de professores

Orientadora: Professora Dra. Débora Raquel da Costa Milani.

Data da defesa: 18/02/2021

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof^a. Dr^a. Débora Raquel da Costa Milani

UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP.

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Andreza Marques de Castro Leão

UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara-SP.

Membro Titular: Prof^a. Dr^a. Euzânia Batista Ferreira Andrade

UNIP- Universidade Paulista.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

A todos os educadores que plantam sementes para que amanhã tenhamos um mundo melhor,
dedico este trabalho como forma de apoio e parceria...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me presenteado com suas bênçãos, abrindo portas e me preparando caminhos que eu jamais imaginei que seriam possíveis de trilhar. Agradeço a Ele por ter colocado em minha trajetória pessoas iluminadas, que me acolheram, me orientaram e foram de grande contribuição para minha aprendizagem.

À minha orientadora Profa. Dra. Débora Raquel da Costa Milani, pelas orientações e intervenções necessárias à esta pesquisa, sobretudo, pela paciência e por acreditar em mim, me incentivando sempre com palavras positivas e com carinho. Muito obrigada!

Ao professor Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, por ouvir minhas ideias, me motivar a buscar sempre mais e me dar bons conselhos.

Agradeço aos meus amados pais, José e Neucy, pelo apoio e incentivo aos estudos, por me ensinar a lutar pelos meus sonhos, pelo colo que ofereceram quando tudo ficava mais difícil, por estarem ao meu lado em todos os momentos e por deixar a mão sempre estendida em minha direção.

Ao meu esposo Davyson, por entender minhas ausências, por me ouvir e me apoiar em cada trabalho executado e por todo carinho dedicado a mim.

À minha irmã Amanda, que comemorou comigo várias conquistas, a primeira que lia meus escritos, olhando para mim e dizendo “Ah, que orgulho da minha maninha”.

Aos meus amigos de turma, principalmente ao Guilherme, Lucas Périco e Lucas Vizentim, que compartilharam informações, estudos e também ansiedades, que ora me ouviram, ora confiaram a mim suas angústias, dividindo momentos tão significativos.

Agradecimentos especiais aos professores que participaram desta pesquisa, por me permitirem o estudo e contribuírem com esta pesquisa.

À Bee Happy Bilingual School Group, por compreender minhas horas fora do trabalho e por abrir as portas para que esta pesquisa fosse desenvolvida.

Aos professores e colaboradores da UNESP de Araraquara que nos orientaram, atenderam nossas demandas e ansiedades e contribuíram, cada um à sua maneira e vez, para este trabalho.

Agradeço às professoras examinadoras presentes na banca, Prof^a. Dr^a. Andreza Marques de Castro Leão e Prof^a. Dr^a. Euzânia Batista Ferreira Andrade que com cuidado, profissionalismo e carinho me conduziram à reta final desta conquista.

Enfim, agradeço a todos que me ajudaram e torceram por mim! Muito obrigada!

"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria."

Paulo Freire (2004, p. 142)

RESUMO

No atual âmbito sociopolítico brasileiro presenciamos uma série de avanços e retrocessos que ora se esticam, ora se encolhem na busca de encaixe diante de uma sociedade que pede por liberdade ao mesmo tempo em que a reprime. Dentre os vários aspectos que sofrem com este “efeito sanfona” está a educação, fantasiada pelo ideal de construir cidadãos críticos e democráticos, porém compelida a reiterar valores sociais de classes dominantes. Diante desta perspectiva, a escola é vista como referência do saber e de conhecimento que se desmembra em disciplinas específicas de cada área, proclamando a formação do aluno enquanto sujeito atuante e pensante. Todavia, no âmbito escolar deixa-se de trabalhar muitos assuntos que despertam interesses pessoais, por julgá-los de pouca relevância ou de muita polêmica, como por exemplo, a dificuldade de trabalhar a sexualidade dentro das escolas devido a fatores políticos e de valores morais. Frente a isso, o professor enfrenta uma série de dificuldades, porquanto comumente não tem formação que o instrumentaliza para lidar com as demandas emergentes além do fato de que existe certa dificuldade em encontrar recursos didático-pedagógicos que possam guiá-lo em sua atuação. O presente trabalho busca entender como educadores compreendem as necessidades e dificuldades no processo ensino-aprendizagem quando se envolve sexualidade, visando desenvolver estratégias para a formação continuada de educadores quanto a Educação Sexual. De cunho qualitativo, a pesquisa foi desenvolvida com a participação de 10 professoras, a partir de entrevistas semiestruturadas e seguido da realização de oficinas que permitiram a compreensão da atuação docente e o desenrolar de estratégias para refletir sobre como trabalhar a sexualidade dentro da sala de aula. Por fim, os resultados apontam para o fato de que tais profissionais não se sentem preparados para desenvolver a Educação Sexual, sendo os principais motivos a falta de formação específica e a escassez de material existente para apoio de atividades em Educação Sexual, concluindo enfim que se faz de extrema importância o investimento em formação continuada sobre Educação Sexual como parte da formação do educador.

Palavras-chave: Formação Continuada; Educação Sexual; Educação.

ABSTRACT

In the Brazilian socio-political, we have a lot of advances and setbacks that sometimes repressing us. Among the various aspects that suffer with this, there is the education, fantasized by the ideal of building analytics and democratic citizens, but compelled to reiterate social values of ruling classes. In view of this perspective, schools are seen as a reference for knowledge, which is broken down into specific disciplines in each area, proclaiming the student's education as an active and thinking person. However, a series of issues are neglected, as they are considered of little relevance or of many controversies, for example, the difficulty of working on sexuality in schools because of political factors and moral values. Faced with this, teachers faces a series of difficulties, since they do not have enough training to deal with emerging demands and there is no facility in accessing didactic-pedagogical resources that can guide them on their performances. This research brings how educators understand the needs and difficulties in the teaching-learning process when sexuality is involved in order to develop strategies for the continuing education of educators in Sexual Education. This qualitative research was developed with the participation of 10 teachers, based on semi-structured interviews and followed by workshops that allowed the understanding of teaching performance and the development of strategies to reflect on how to work on sexuality within the classroom. Finally, the results point to the fact that teachers do not feel prepared to develop Sex Education, one of the reasons for this, in addition to the lack of specific training, the scarcity of existing material to support activities in Sex Education, concluding that investment in continuing education on sexual education is extremely important as part of the education of the educator.

Keywords: Continuing Education; Sexual Education; Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Print de site de rede social	78
Figura 2: Outdoor disponível na Avenida Napoleão Selmi Dei, cidade Araraquara.....	78
Figura 3: Figura retirada das redes sociais – Importância de trabalhar a Educação Sexual.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Dados pessoais das participantes.....	48
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

WAS	World Association for Sexology
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
SUS	Sistema Único de Saúde
PSE	Programa Saúde na Escola
SPE	Saúde e Prevenção nas Escolas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONGs	Organizações Não-Governamentais
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PNE	Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1 EDUCAÇÃO SEXUAL – ENTENDER PARA ORIENTAR.....	15
2 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL: CONTEXTUALIZANDO.....	20
2.1 O que é educação?.....	20
2.2 – A Educação Sexual.....	22
3 FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES VOLTADA À EDUCAÇÃO SEXUAL.....	35
3.1 - O papel do Educador em Educação Sexual.....	38
4 MÉTODO.....	46
4.1 Caracterização do estudo.....	46
4.2 Participantes.....	47
4.3 Local.....	48
4.4 Instrumentos utilizados para coleta de dados.....	48
4.5 Procedimentos.....	50
4.6 Análise dos dados.....	52
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	55
5.1 O antes e o depois das oficinas: Insights sobre o processo de formação.....	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICE I - Entrevista semiestruturada.....	104
ANEXO I – Parecer substanciado do CEP.....	105

APRESENTAÇÃO

A motivação inicial para este trabalho veio a partir de experiências profissionais por mim vivenciadas. Após completar o magistério e começar a atuar dentro de escolas de diversas realidades, me deparava sempre com situações envolvendo a sexualidade, das quais eu sentia que não havia um desfecho, o assunto continuava ali, sendo ignorado em seu grito aflito, sufocado pelo despreparo de um adulto ou pelo medo em navegar em águas desconhecidas. Eu não tinha conhecimento algum sobre a temática, por motivos culturais e religiosos, este era um tema sempre afastado de minha criação e realidade. Durante o magistério e a graduação em pedagogia, o mais próximo que estive de conhecer mais sobre a temática foi ao estudar as fases do desenvolvimento descritas por Freud, contudo, não fazia ideia de como relacioná-las ali na prática, o que me fazia mais uma integrante do grupo de professores despreparados.

Mais tarde, durante um período fora da sala de aula, me envolvi em projetos voltados à saúde, a vida então se encarregou de trazer novamente demandas que foram me envolvendo e me instigando a procurar e entender mais sobre doenças relacionadas à sexualidade. Três anos depois, ao dar início em minha segunda graduação, fui apresentada ao termo Educação Sexual, agora mais madura e com mais vivências pessoal e profissional, conseguia entender e visualizar com clareza o que lá atrás, em sala de aula, eu sentia falta. Isso me motivou a participar de um projeto de pesquisa que, com incentivo e paixão de uma professora, resultou na apresentação de um banner em um congresso o qual, após avaliação do organizadores, me permitiu a seguinte reflexão: “Interessante, você encontrou uma problemática e levantou dados sobre ela, agora como você pretende trabalhar estes dados”? E assim, se deu o início desta jornada.

A partir daí, determinada em compreender a sexualidade e a entender a nascente das sombras preconceituosas que contornam a temática, busquei leituras que me deram base para desenhar um projeto de pesquisa. Em 2018 fui admitida no curso de Pós-graduação em Educação Sexual na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” de Araraquara, com o desejo de, por meio da Educação Sexual, pesquisar e trabalhar com formação de educadores, sonhando em construir um material que ajudasse profissionais da educação desenvolverem um trabalho de orientação de forma simples e natural, contudo embasado na ciência. Assim, junto a professora Dra. Débora, fomos estudando, amadurecendo ideias e construindo o percurso que nos trouxe até aqui.

INTRODUÇÃO

No atual contexto sociocultural brasileiro vê-se uma dicotomia entre os paradigmas clássicos e tradicionais de ensino e os modelos contemporâneos de cunho inovador. Nos primeiros entende-se que assuntos técnicos são mais relevantes, enquanto no segundo se postula os fenômenos sociais e a dinâmica cultural dentro da sala de aula. Em ambos os contextos educacionais, estão os profissionais que contribuem para a formação de indivíduos: os professores. Estes trazem consigo valores construídos sob a luz de sua própria compreensão de mundo que também estarão presentes em sua prática profissional. Tais valores podem inibir ou contribuir para a dinâmica da aprendizagem, principalmente quando se fazem presentes discussões e incertezas de conteúdos que ainda são carregados de preconceitos, dos quais destacamos aqui a sexualidade.

O despertar da sexualidade é também presenciada no ambiente escolar, a crescente curiosidade dos estudantes está presente dentro das salas de aula desde o ensino infantil, apesar disso, na maioria das vezes tais assuntos não são trabalhados e perguntas continuam sem respostas. Quando o retorno para determinada dúvida acontece, geralmente vem acompanhado de repreensão com base em tabus sociais, abandono do assunto, discurso de valores ou de religião, entre outros. Tais acontecimentos nos fazem refletir sobre os motivos que levam educadores a adotarem estes comportamentos, assim como permitem analisar quais dificuldades presentes e do que a escola necessita para desenvolver o trabalho de Educação Sexual.

Os fatos aqui apontados são corroborados com o aumento das pesquisas e trabalhos realizados à luz do tema Sexualidade que, a partir do século XX, ganhou espaço no Brasil. Porém, a Educação Sexual é um campo que ainda precisa ser bastante explorado a fim de ser compreendido em sua amplitude.

Assim sendo, esta pesquisa busca compreender e analisar como os professores abordam a Educação Sexual dentro das escolas, refletindo sobre a preparação dos profissionais desta área em lidar com a demanda da sexualidade em sala de aula, a fim de desenvolver estratégias de formação continuada que permitirão aos educadores trabalhar o tema de forma natural e dinâmica. Para tal, faz-se necessário identificar os interesses e motivação do docente pela busca de formação e especialização sobre sexualidade, entender a visão dos professores frente ao trabalho de docência perante os assuntos que abrangem a sexualidade e por fim, perceber como a escola lida e aborda o tema da sexualidade.

A temática implica diretamente sobre aspectos sociais como comportamento, saúde e educação, por isso, o estudo pode auxiliar na compreensão de demandas que integra a Educação Sexual.

Estruturamos este trabalho em 6 capítulos, onde o Capítulo 1 aborda sobre o percurso da Educação Sexual. O Capítulo 2 discorre sobre o que é Educação e suas diversas formas. No Capítulo 3, refletimos sobre a formação continuada dos professores voltada à educação sexual. Disponibilizamos o percurso metodológico no Capítulo 4, apresentamos nossas discussões no Capítulo 5 e encerramos com algumas considerações sobre este trabalho dispostas no Capítulo 6.

1 EDUCAÇÃO SEXUAL – ENTENDER PARA ORIENTAR

A sexualidade está presente na vida de toda e qualquer pessoa, e apresenta para cada indivíduo um significado que envolve aspectos culturais, sociais e psíquicos, os quais influenciarão diretamente no comportamento de cada sujeito. A sexualidade é construída por meio da interação entre o indivíduo e as estruturas sociais. O total desenvolvimento da sexualidade é essencial para o bem estar individual, interpessoal e social. (World Association for Sexology [WAS], 1997).

Por muito tempo foi discutido se o papel da Educação Sexual pertencia à família ou à escola. Após muitos debates, chegou-se à conclusão de que o sistema escolar teria, entre outras, a responsabilidade de promover a educação integral, onde discutir sobre sexualidade faria parte do conteúdo educacional. Dentro das propostas de transformar tal tarefa possível, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), tornaram-se um dos marcos importantes na história da Educação Sexual no Brasil quando, lançados na década de 90, apresentaram a possibilidade de realizar orientações sobre sexualidade, que em extensão à educação familiar, poderia ser abordado entre os temas transversais, colocando o professor como um agente da temática:

O trabalho de Orientação Sexual proposto por este documento compreende a ação da escola como complementar a educação dada pela família. Assim, a escola deverá informar os familiares dos alunos sobre a inclusão de conteúdos de Orientação Sexual na proposta curricular e explicitar os princípios norteadores da proposta. O diálogo entre escola e família deverá se dar de todas as formas pertinentes a essa relação. (Brasil, 2000, p.124).

Todavia, ao inserir a sexualidade no contexto escolar, um dos primeiros obstáculos encontrados para o desenvolvimento da Educação Sexual foi a rejeição dos pais, que não compreendiam a real necessidade de discutir sexualidade com os alunos, acreditando erroneamente que ao falar de Educação Sexual, seus filhos estariam sendo incentivados à prática sexual. (Souza & Milani, 2020).

A repressão da sexualidade está enraizada historicamente nos meios de controle social e religioso, por esta razão falar sobre a temática às vezes não é moralmente aceito. Entre outros desafios, esta reação negativa vinda da sociedade, e em sua grande parte, de familiares, foi um

dos motivos que acabou por inibir os educadores, fazendo com que estes se calassem mesmo diante da necessidade de orientação. (Souza & Milani, 2020).

Não obstante, dentro deste cenário, situações políticas que reforçaram a repreensão da comunicação que envolve a temática, acabam por corroborar para o aumento da desinformação, como o caso do uso inadequado da expressão “ideologia de gênero”, podendo causar distanciamento entre a população e a temática por intermédio da propagação de *fake news*, bem como interferir no direito de transmitir informações científicas e novas ideias.

Desta forma, partindo da premissa de que a Educação Sexual faz-se importante na escola, é preciso planejar e organizar com eficiência como será feito este trabalho, preparar os profissionais envolvidos e, antes de começar a orientação em si, abranger pais e responsáveis apresentando a eles os objetivos das aulas, o material que será utilizado e a relevância do tema para os alunos. Após apontar como sensível, porém essencial, esta relação entre família e escola Figueiró (2009b) afirma:

a interação família-escola é fundamental, tanto no início, quanto no decorrer de todo o trabalho. [...] é de suma importância as reuniões com os pais para que estes sejam informados sobre os objetivos, os conteúdos e a forma de trabalho dos professores. Muito além de propiciar a tranquilidade no ensino da sexualidade, a relação família-escola é essencial para que o educando esteja preparado para receber as informações e discutir o assunto sem ter medo ou dúvida de que será repreendido pelos pais, por estar participando das aulas, e sem ter a impressão de que está ouvindo a respeito de assuntos desaprovados por eles. (p.102).

Considerando que informações sobre sexualidade estão cada vez mais acessíveis por intermédio da internet e outros meios de comunicação, construir e desenvolver estratégias de como instruir crianças e adolescentes sobre sexualidade tornam-se indispensáveis. Devido ao fato de criar uma esfera social, capaz de envolver uma ampla quantidade de pessoas, a mídia torna-se objeto de influência moral, social e política para qualquer faixa etária. Brigeiro e Maksud (2009), faz uma análise sobre a década de 90, apontando a imprensa, que na época havia conquistado o lugar e prestígio que as redes sociais hoje ocupam, como responsável por anunciar os acontecimentos sociais marcantes e por influenciar no comportamento das pessoas.

Com a propagação dos meios de comunicação e a facilidade do acesso à mídia, a sexualidade e o sexo ganharam mais visibilidade, porém as ideias nem sempre são construídas ou sustentadas pela ciência, tornando-se reforçadores ora de liberdade, ora de prisão:

a incorporação e retroalimentação de valores conformam as representações sociais, reiterando a mídia como uma forte agência socializadora que trabalha normatividades e discursos diferentes para segmentos sociais distintos no que concerne à difusão da ideia de sexualidade como um dos temas de maior interesse na contemporaneidade. (Maksud, 2008, p.670).

Desta forma, com a massificação de informações disponíveis, principalmente na mídia e redes sociais, vemos a sexualidade sendo interpretada exclusivamente como ato sexual e, por vezes, erroneamente relacionada à pornografia, reduzida a fantasias sexuais e implicando na banalização do vasto significado que habita a sexualidade. Porém, isto não define a sexualidade, tão pouco reflete sobre seus sentidos.

Adentrar no universo midiático está cada vez mais fácil, em um clique podemos ter acesso a uma gama de informações gigantesca. Um link nos leva a outro, uma página pode abrir uma ou mais páginas de propagandas, jogos, sites de encontros, etc. Destarte, crianças e adolescentes podem ter acesso a vários conteúdos sobre sexualidade e tendem, assim, à reprodução de comportamentos ou estilos que não são próprios da sua idade. Leão (2009) nos faz refletir sobre o papel da mídia como ocorrendo pelo lado inverso do qual se propõe, chamando-a de fonte de desinformação. Assim, observamos a mídia ganhando propagação desenfreada, impondo-se a cumprir o papel de instrutora sobre qualquer tema, inclusive pedagógico, sugestionando a identidade e consumo dos indivíduos, por isso, a escola deve se atentar em desenvolver o papel de orientadora para além das mídias.

Contudo, percebe-se que nas escolas, frequentemente o ensino sobre Educação Sexual é delegado às aulas de ciências ou biologia, nas quais são apresentadas as funções dos órgãos genitais e o sistema de reprodução humana, deixando de abordar assuntos de suma importância como: identidade e gênero, prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), gravidez indesejada, etc. A tarefa de orientar sobre tais assuntos acaba sendo atribuída a outras instâncias como, por exemplo, o Sistema Único de Saúde (SUS), que busca disseminar conhecimento sobre o assunto por meio de divulgações que nem sempre conseguem abranger a sexualidade em seus diversos contextos. Segundo Egypto (2003, p. 31), “a orientação sexual

na escola não se confunde com as fórmulas fáceis de palestras eventuais [...] É um processo artesanal e elaborado, onde se constroem conhecimento, cidadania e mudança social”.

Mesmo após os PCN, permaneceu - e ainda se faz presente - a necessidade de um trabalho mais guiado quando a temática sexualidade emerge, uma vez que a interpretação dos materiais existentes em livros didáticos tornou-se subjetiva e mecanizada, atribuindo significados errôneos à sexualidade. Tínhamos parâmetros curriculares que traziam objetivos para trabalhar dentro da sala de aula, porém não havia o preparo do professor para realizar tal tarefa. No que concerne ao preparo do professor, Nóvoa (1999) fez uma crítica ao fato de falar-se muito na formação de professores, porém sem se preocupar com a prática docente em si, deixando claro que não há ausência de cursos para formação, o que sempre faltou foi integrar as dimensões da rotina docente como parte primordial da formação do professor.

Em 2007, em uma tentativa de oferecer maior suporte às escolas, o Governo Federal instituiu o projeto Programa Saúde na Escola (PSE), que apresenta como objetivo a junção dos serviços de educação aos da saúde, em busca de melhor qualidade de vida para a população, com propostas didáticas que iriam ao encontro da formação integral dos escolares da educação básica. Com esta concepção, além de abrir espaço para a formação continuada (outrora, chamada de capacitação) para professores, ainda seria possível desenvolver metodologias que promoveriam o vínculo entre escola, alunos e familiares. Uma das ações do PSE foi difundir o Projeto Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE), com a finalidade de proporcionar à comunidade escolar pública condições de aplicar ações de prevenção e promoção de saúde, trazendo como principal finalidade a redução de casos de IST e gravidez na adolescência, ambos fatores contribuintes para a evasão escolar. Estas práticas elegiam como público alvo crianças de 10 anos até jovens de 24 anos. (Brasil, 2007).

De acordo com o Ministério da Educação (2009), a adoção destes projetos cabia ao município que, por sua vez, deveria proporcionar condições para que eles fossem desenvolvidos conforme as demandas existentes. De acordo com o Ministério da Educação, o SPE foi implementado em aproximadamente 600 municípios espalhados pelos 26 estados do Brasil.

Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO], o programa SPE simboliza um marco na história da política voltada aos jovens, descrevendo-o como referência no tocante às ferramentas de formação continuada para profissionais da educação e saúde do país. Quando colocadas em prática, as atividades do SPE consistiam em palestras, distribuição de preservativos e material informativo, apresentação de

teatros e feiras de ciências. Não obstante, a repercussão das atividades desenvolvidas não foi ao todo satisfatória pelos mesmos motivos já apresentados anteriormente:

1. Não houve o envolvimento, conscientização e preparo da família;
2. Os profissionais não estavam devidamente preparados para estas ações e o material era entregue sem orientação;
3. Grande parte da orientação em sexualidade se resumia em apresentar as IST e explicar como usar o preservativo masculino.

Visto isso, percebe-se que tanto em ações que envolvem a relação família-escola como nas práticas educacionais, existem necessidades resultantes do despreparo técnico-científico do profissional, uma vez que este trabalho requer um processo de desconstrução de crenças pessoais que, a longo prazo, podem se tornar fonte de informações para os alunos, contribuindo para uma “deseducação”. Além disso, é preciso trabalhar na superação de estereótipos sobre a sexualidade que foram criados ao longo da história. Pinheiro, Silva e Tourinho (2017) alegam que não podemos ignorar que a temática sexualidade está exposta a qualquer faixa etária, principalmente diante da facilidade e rapidez ao acesso de informações que temos na atualidade, por isso, é importante que toda orientação ou projeto de ensino, sejam sustentados pela ciência, tais demandas implicam diretamente na necessidade de mudanças significativas na formação profissional.

Portanto, é preciso investir na formação continuada de educadores em Educação Sexual, assim como na desmistificação do tema por meio de práticas emancipatórias visando um trabalho de Educação Sexual saudável que compreenda o papel da escola como parceira da família.

2 EDUCAÇÃO E EDUCAÇÃO SEXUAL: CONTEXTUALIZANDO

2.1 O que é educação?

Para melhor entender e refletir sobre Sexualidade e Educação Sexual é indispensável, antes, compreender a pluralidade da Educação, assim como faz-se necessário olhar para a linha histórica trilhada por ela, seus desafios, seus progressos e, também, alguns declínios.

Ferreira (1999, p.256) descreve como educação o “Ato ou efeito de educar, processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano, civilidade e polidez”. Para Vianna (2006, p.130) “a educação, em sentido amplo, representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades”.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional [LDB] Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, a educação:

abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Brasil, 1996).

Para Luckesi (1994), a educação é uma ação humana orientada pelos significados sociais e culturais de cada época. O autor defende que toda educação acontece com um propósito, uma finalidade a ser alcançada e, por isso, é vista como forma de manutenção ou transformação social. Ela pode reproduzir, mediar ou transformar os tipos de sociedade existentes.

A educação está além do aprender ler, escrever e somar, pois aparece sempre nas relações entre as pessoas, permitindo a adaptação do indivíduo em sua comunidade, ajudando-o a amadurecer e o transformando em sujeito social.

Brandão (2007) afirma que “não há uma forma única de educação nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor” (p.4). Ele ainda reflete sobre as diferentes formas de fazer educação, dentre elas as que hoje estamos mais habituados: a educação por convivência e a sistematizada.

Quando a criança observa as pessoas que a cercam e reproduz suas ações, ela está aprendendo por meio da convivência. Esta educação está fortemente vinculada aos valores sociais e morais. Por outro lado, quando o ensino ganha teorias, técnicas, métodos e regras, exigindo assim, um executor especializado que os domine, no caso da escola: os professores, temos a educação sistematizada. Aqui, o saber é dividido, hierarquizado e com tendência ao controle político. (Brandão, 2007).

De todo modo, a educação acontece dentro e fora da escola, acompanhada sempre pela instrução, causando influências denominadas por Libâneo (2006) de educação intencional e educação não-intencional. Segundo o autor, “A educação não-intencional refere-se às influências do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos” (Libâneo, 2006, p. 17). Ou seja, a aprendizagem acontece de forma não organizada, por meio do contato com procedimentos, valores e princípios de uma determinada comunidade que promovem a vivência e a experiência de situações socioculturais.

Já a educação intencional é organizada conscientemente e propõe objetivos, métodos e técnicas próprias. São designados circunstâncias e locais específicos para que as ideias sejam repassadas. Aqui as afirmações de Libâneo convergem com as de Brandão ao apontar a imposição e exigência dos conteúdos.

À vista disso, percebemos que ensinar e aprender são ações voluntárias e automáticas que fazem parte de nossas rotinas e estão presentes em todas as comunidades e em diversos contextos. Distinguiremos os vários cenários em que a educação aparece da seguinte forma:

- a) Educação Formal: Para Libâneo (2006) essa seria a educação presenciada nas instituições de ensino, a qual traz objetivos e procedimentos predeterminados. Bernardes (2019) complementa afirmando que nesta realidade os processos de ensino são trabalhados sob a luz de abordagens pedagógicas determinadas em currículos desenvolvidos para uma comunidade específica, seguindo leis que respaldam as ações destas instituições.
- b) Educação Não Formal: Bernardes (2019) discorre que a educação não formal acontece por intermédio do ensino de um conteúdo planejado e sistematizado visando um fim específico e ocorre predominantemente em subgrupos sociais, citando como exemplos as Organizações Não-Governamentais e comunidades religiosas que oferecem estudos para capacitar seus membros dentro de sua rotina e organização. Nesses casos, não se faz necessariamente o acompanhamento de regulamentação legal.

- c) Educação Informal: Acontece entre amigos, família, colegas de trabalho, etc. Libâneo (2006) explica que essa modalidade da educação acontece fora dos sistemas convencionais. Ela ocorre de forma natural e mútua, sem a preocupação de representar um papel definido por um sistema, permitindo que conhecimentos culturais sejam passados de geração para geração.

As três formas de educação, portanto, são essenciais e tem sua importância na formação de pessoas e, como bem defende Bernardes (2019), não se trata de julgar qual o contexto é o melhor ou mais adequado para aprender ou ensinar, mas sim, compreender o cenário existente em cada situação para poder utilizar das ferramentas e estratégias necessárias para que a educação aconteça, respeitando e acolhendo a bagagem de conhecimento que cada estudante traz de sua realidade social. “As formas que assumem a prática educativa, sejam não-intencionais ou intencionais, formais ou não-formais, escolares ou extra-escolares, se interpenetram. O processo educativo, onde quer que se dê, é sempre contextualizado social e politicamente [...]”. (Libâneo, 2006, p. 18).

Por fim, a educação é entendida como o ato de compartilhar conhecimentos e experiências. Educação também é desenvolver no indivíduo a funcionalidade necessária para sua permanência em determinado ambiente, é o processo que envolve o aprender algo, afinal, é por meio da experiência e da convivência que se gera a educação.

2.2 – A Educação Sexual

“A sexualidade é dessas áreas da vida, em que educar é muito mais do que transmitir: é trocar, reinventar, redescobrir e mais do que tudo lembrar e reviver”. (Lúcia Afonso)

A Educação Sexual ganhou espaço importante no Brasil entre o período de 1920 e 1930, quando alguns educadores e médicos começaram a defender a necessidade de trabalhar o tema nas escolas, enquanto alguns estavam cuidadosos em melhorar a saúde e atentos à saúde da mulher, outros estavam preocupados em combater as doenças venéreas e em reprimir a prática sexual, evitando a “impureza” moral. (Bueno & Ribeiro, 2018).

Segundo Figueiró (2009a), nestes trabalhos, o objetivo era evitar atitudes femininas consideradas imorais para a época e garantir a reprodução saudável. Nesta época, a Igreja Católica também desempenhou o severo papel de repressão da sexualidade que ia além de seus templos, uma vez que dominava a educação da elite do país. Temerosos frente a prostituição, mantinham o foco em preparar as mulheres para tornarem-se esposas e mães. Não havia

preocupação com identidade ou compreensão do sujeito. (Figueiró, 2009b; ver também Bueno & Ribeiro, 2018).

Mesmo diante deste cenário repressor e pouco favorável para o avanço da Educação Sexual, tivemos autores que apresentavam um olhar saudável e natural à sexualidade, como por exemplo, José Albuquerque. Este, foi um dos pioneiros da Educação Sexual no Brasil, e propunha o encerramento dos ideais de educação sanitária e higiênica que aspirava uma moral sexual de bons comportamentos e defendia o investimento da educação sexual ainda na infância. (Ribeiro, 2009).

Ribeiro (2017) discorre que de 1930 a 1950, as grandes editoras do Rio de Janeiro e São Paulo publicaram materiais com temas sexuais, as publicações eram resultados de estudos médicos de profissionais que, mais tarde, na década de 60, tornaram-se educadores em escolas para professoras. Este trabalho de formação foi bem sucedido, as editoras valorizavam a publicação de estudos sobre sexualidade e, junto à profissionais sexólogos, foram abrindo campo para que mais pesquisadores investissem no estudo da sexualidade, permitindo assim, que a Educação Sexual chegasse como teste em algumas escolas públicas e particulares nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. (Ribeiro, 2017 ver também Leão, 2009).

Ainda em 1962, chegava no Brasil a pílula anticoncepcional trazendo calorosos debates sobre o controle da natalidade através de lentes religiosas, políticas e econômicas. Neste período estudiosos da temática tiveram o árduo trabalho de desmistificar ideologias errôneas¹ a respeito do uso da pílula, incendiadas pelo senso comum e pela mídia, enquanto a lei debatia sobre o Código de Ética Médica e os direitos e deveres dos cônjuges. Naquele momento, as pesquisas que aconteciam no mundo buscavam entender os efeitos do anticoncepcional, encontrar outros novos, desenvolver vacinas, criar a pílula para homens e evoluir o projeto da pílula do dia seguinte. (Santana & Waisse, 2016).

Mesmo diante da necessidade de esclarecer dúvidas que emergiam dessa difusão de informações, Werebe (1978) descreve que, nos anos iniciais da década de 70 percebeu-se que assuntos relacionados à Educação Sexual ganharam certo recuo, fruto da conclusão moralista de pessoas no poder da época. As escolas que se aventuraram a manter o trabalho de Educação Sexual, o faziam de forma furtiva. Este cenário se estendeu por vários anos e a partilha de

¹ Dizia-se que quando tomava a pílula, a mulher vivia uma falsa gravidez; que a mulher poderia retornar à juventude; que os hormônios do medicamento ajudava a restaurar a textura e contorno da face; estas informações eram publicadas em revistas ou em propagandas de produtos de beleza (Santana & Waisse, 2016, pp.203-218).

materiais, estudos e trabalhos sobre sexualidade tornava-se mais escasso e reprimido conforme o tempo avançava².

a partir do fim da década de 60, uma onda de puritanismo invadiu o país, da qual um dos indícios mais evidentes foi a intensificação do rigor da censura (já bastante severa) de obras teatrais e literárias, de filmes e programas de televisão. (Werebe, 1978, p.22).

Tendo em vista as transformações sociais e políticas da década de 60, que desencadearam efeitos no comportamento sexual, a necessidade de discutir o tema crescia. Leão (2009) elucida que entre 1963 e 1968, algumas escolas tentaram realizar uma mudança pedagógica trazendo a Educação Sexual para as atividades escolares, porém poucas conseguiram manter a proposta devido a negação dos pais e da comunidade escolar, resultando em suspensão de alunos e professores e exoneração de diretores em algumas instituições. A autora ainda afirma que, em 1968, a deputada Julia Steimbruck, propunha à Câmara dos Deputados, um projeto que visava a orientação sexual (termo utilizado na época) em todas as escolas do Brasil. Contudo o projeto foi indeferido pela Comissão Nacional de Moral e Civismo do Ministério da Educação e Cultura. Tais fatos, contribuíram para que educadores adotassem postura reservada e evitavam abordar a sexualidade, abstendo-se de conflitos ou punições.

Após o Golpe de 64, devido a censura moralista estabelecida, a liberdade sexual foi associada ao comunismo, tal fato implicou situações sociais e políticas críticas e impediu a continuidade do trabalho de Educação Sexual que havia sido conquistado. As escolas e os profissionais que nela trabalhavam eram frequentemente vigiados pelo Estado, que investigava e interrogava sobre a prática pedagógica. Mesmo com a interrupção no processo de institucionalização da sexologia e da educação sexual no Brasil, questões sexuais ressurgiam na sociedade fazendo dos anos 70 um cenário de transformações. (Ribeiro & Bedin, 2013).

Em 1974 foi aprovado o parecer sobre educação em saúde pelo Conselho Federal de Educação, momento em que a alunos de 2º grau passaram a ter acesso à Educação Sexual. O documento trazia orientações para que os jovens se precavessem em relação aos cuidados com a saúde, sexualidade, gestação e saúde mental. Na época, havia a propagação do termo “Desvio

² Werebe divulga em seu artigo *Implantação da Educação Sexual no Brasil*, publicado pela Fundação Carlos Chagas em 1978, dados indicando que os estados mais afetados pela repressão nesta época foram São Paulo e Rio de Janeiro.

de padrão da normalidade” os quais apontavam a ausência de heteronormatividade como doença. (Werebe, 1978).

A partir de 1978, a política passa por uma abertura que permite o retorno da Educação Sexual às escolas, neste momento temos como marco a promoção do I Congresso sobre Educação Sexual nas Escolas, que desencadeou o desembrulhar de discussões sobre a temática na escola, na mídia e, conseqüentemente, na sociedade. (Bueno & Ribeiro, 2018).

Dentro destes avanços e retrocessos da Educação Sexual no Brasil, Ribeiro (2009) aponta para a iniciativa do Estado de São Paulo que de 1980 a 1986, desenvolveu o projeto Programa de Saúde: Aspectos do Crescimento e Desenvolvimento Humanos Relativos à Sexualidade, com o intuito de que professores de ciências e profissionais da saúde desenvolvessem estudos relacionados à sexualidade.

Conforme relata Leão (2009) a década de 80 foi marcada pelo trabalho de Marta Suplicy e Maria Helena Matarazzo, estudiosas na área da sexualidade, que levaram à mídia a oportunidade para debater sobre o assunto. A partir daí, uma série de trabalhos e divulgações aparecem para disseminar a importância de se investir em Educação Sexual.

Nos anos 90, vários outros projetos surgiram a partir da iniciativa do Estado (SP) ou de Municípios que visavam ações preventivas às IST e ao abuso de drogas. Tais projetos foram importantes para alicerçar discussões relacionadas à sexualidade no espaço escolar, contudo não foram consolidados devido as alterações provindas de mudanças políticas. (Ribeiro, 2009).

Após aprovação da LDB em 1996, houve a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais [PCN], que constituindo-se como um dos marcos mais importantes da história da Educação Sexual no Brasil, aponta para esta como objeto de ação da escola. Leão (2009) explana que os PCN nasceram como uma proposta para renovar o currículo escolar da educação básica e foram estruturados a partir dos currículos de diversos Estados e Municípios do país, norteando as ações educativas e preparando os alunos para a cidadania.

Conforme discorre Leão (2009), os PCN defendiam que a sexualidade está presente em todas as faixas etárias e mostravam estar comprometidos a possibilitar aos alunos a vivência de sua sexualidade, apontando para uma proposta interdisciplinar e transversal, orientando que a escola trabalhasse a sexualidade como parte essencial na construção do indivíduo. Mas Ribeiro (2017) evidencia que, mesmo tendo material e conteúdo para desenvolver um trabalho de Educação Sexual eficiente, o Governo Federal não ofereceu condições eficientes para que a formação de professores fosse realizada. Além disso, as regiões ou escolas ficavam responsáveis por organizarem-se em relação a abrangência da implementação dos PCN.

Leôncio (2013) faz um breve resumo sobre as instruções de uso dos Parâmetros nas escolas e descreve que os PCN orientavam a divisão dos objetivos relacionados à orientação sexual em três partes:

- 1- O Corpo: conduziam as atividades para reflexões sobre a imagem do corpo, trabalhando valores, o respeito e a sexualidade como algo particular, saudável, natural e prazerosa.
- 2- Relações de gênero: tratava das características particulares dos comportamentos dos indivíduos, refletindo em seus relacionamentos e em sua vivência da sexualidade, além de buscar ponderar as questões de preconceito.
- 3- Referência à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis DST/AIDS: informavam de maneira genérica sobre a manifestação das doenças, trazendo para debate aquelas mais conhecidas (como a gonorreia e a sífilis, por exemplo) e meios de prevenção.

Por fim, após apropriar-se destes conhecimentos, esperava-se que o educador ponderasse sobre o trabalho de orientação sexual. Leôncio (2013) conclui que para isso, o preparo docente se faz necessário visando a sensibilização, a conscientização e o desenvolvimento do conhecimento teórico e prático, permitindo maior aprofundamento frente aos assuntos emergentes sobre sexualidade.

Voltando aos acontecimentos que assinalaram a Educação Sexual no Brasil, em 1997 na cidade de Marília, Hugues Costa de França Ribeiro fundou o Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Sexualidade e vinculou-se à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Em 2000, no campus de Araraquara Paulo Rennes Marçal Ribeiro criava o Núcleo de Estudos de Sexualidade. (Bueno & Ribeiro, 2018).

Assim, pouco a pouco a Educação Sexual seguiu avançando no Brasil e, até meados de 2011, tivemos várias iniciativas governamentais com políticas públicas positivas diante da Educação Sexual. Contudo, foram sufocadas por novas políticas que decorreram de interferência de cunho religioso, encaminhando a jornada da educação sexual para um caminho de retrocesso. (Ribeiro, 2017).

Considerando todo este trajeto, hoje podemos interpretar mais claramente as resistências e dificuldades em relação a Educação Sexual. Entendemos que parte da nossa cultura traz a tendência de reduzir conceitos complexos a funções simplistas com o intuito de explicar um ato de forma resumida. Tal tendência se concretiza na sexualidade pois, por intermédio do julgamento do senso comum, na maior parte das vezes ela é reduzida ao ato sexual. Conforme Maia e Ribeiro (2011) evidenciam:

A sexualidade é um conceito amplo e histórico. Ela faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade e, em modo coletivo, em padrões sociais, que são apreendidos durante a socialização. (p. 75).

Rena (2006, p.35) esclarece: “Até o momento podemos afirmar que a vivência da sexualidade tem uma dinâmica peculiar, onde diversos fenômenos - resultantes da interação da pessoa consigo mesma, com o outro e com a cultura – ocorrem”. Desta forma pode-se compreender que toda atitude de se relacionar consigo mesmo, com o outro e com o ambiente é um exercício da sexualidade e é neste exercício que nos deparamos com um universo a ser explorado. Por isso, se não tivermos orientação adequada não seremos capazes de nos reconhecer enquanto indivíduo completo.

Rosa (2008) ao citar Santos (1998) aborda o corpo como híbrido cultural e afirma que há uma intersecção entre o que nos é dado biologicamente e o que herdamos culturalmente, assim, construímos as representações de nossos corpos hibridizados.

Pensar o corpo produzido culturalmente é, ao mesmo tempo, um desafio e uma necessidade. Segundo Goellner (2010), é difícil romper com o olhar naturalista sobre o qual, muitas vezes, o corpo é observado, explicado, classificado e tratado e surge a necessidade de fazê-lo porque sua desnaturalização revela que o corpo é, sobretudo, histórico. Ou seja, é mais do que algo que nos materializa no mundo, é uma construção na qual se conferem diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, etc. Ele é, portanto, provisório, mutável e mutante, com possibilidades inúmeras de intervenções culturais a partir do desenvolvimento científico e tecnológico, leis, códigos e representações sobre os corpos e os discursos que sobre ele produz e reproduz.

A sexualidade costuma ser colocada pelos vários discursos como algo central em nossas vidas, de forma naturalizante e universal e conforme Felipe (2010), isso produz um eficiente efeito de verdade. A autora ao fazer referência aos dizeres de Weeks (1999) afirma que: “a sexualidade, embora tendo como suporte um corpo biológico, deve ser vista como uma construção social, uma invenção histórica, pois o sentido e o peso que lhe é atribuído são modelados em situações sociais concretas”. (Felipe, 2010, p.57).

Por sua vez, Heilborn et al (2008) aponta que a Educação Sexual é ainda permeada de tabus a serem quebrados, principalmente quando abordado em salas de aula. Esses tabus são

mantidos por uma sociedade moralista, que vem pagando altos preços, tanto financeiramente quanto humanamente, por sua omissão. A exemplo disso temos o amplo debate exposto pelas mídias nos últimos anos intitulado “Ideologia de gênero”, o qual o próprio nome já indica o desconhecimento da magnitude do assunto.

Por conseguinte, é inescusável a Educação Sexual não só para escolares, mas para todos os indivíduos, independentemente da fase da vida que eles se encontram, para que alcancem sobretudo, o autoconhecimento. A Educação Sexual se faz necessária desde a infância e se dá na família e na instituição educacional, sem essa parceria não é possível obter uma Educação Sexual de qualidade por meio da qual o indivíduo possa exercer a sua sexualidade de forma saudável e responsável. Para tanto, é primordial que o ambiente escolar esteja preparado para este trabalho de orientação, bem como como seus profissionais.

Por isso cabe aqui uma reflexão para que compreendamos em que consiste a Educação Sexual.

Figueiró (2006) lembra que antes de tudo, faz-se necessário discernir sexo de sexualidade, onde “sexo” concerne ao ato sexual, ao prazer e ao biológico, já a “sexualidade” está relacionada a afetividade, ao conhecimento do corpo e a intimidade, construídas sob a luz de valores e normas culturais e resultante em comportamento sexual, assim, está além da esfera da biologia, implicando em relações sociais e vínculos afetivos, em desejos, decisões sobre a vida e experiências particulares.

Educação sexual é isso, é conversar sobre preconceitos, sobre tabus, sobre medos, é oportunizar que nossas crianças desfaçam ideias errôneas e feias a respeito do sexo e da vida sexual. Então, Educação Sexual é ensinar a pensar e ouvir [...]. (Figueiró: O que é Educação Sexual, YouTube, 24 de outubro de 2017)

Portanto, ao falarmos em sexualidade, despertamos questões éticas, sociais e de afetividade, por isso, não é plausível a associação de ações em Educação Sexual à doutrinação de valores ou atitudes, mas sim o reavivar de reflexões sobre o autoconhecimento. A partir daí, percebemos que Educação Escolar e Educação Sexual se entrelaçam, uma complementa a outra e, ambas, permitem a participação ativa do indivíduo nas decisões relativas à sua vida e à vida em sociedade. Logo, se cabe a escola oferecer ao aluno conhecimento sistematizado desenvolvido ao longo do tempo, também é seu dever atrelar à esta bagagem o conhecimento sobre sexualidade. “O sentido da educação escolar é possibilitar aos alunos a assimilação dos

produtos culturais da ação humana, o que subentende abranger a sexualidade, como direito do aluno ter acesso a este saber [...]”. (Leão, 2009, p.90).

Figueiró (2006) defende que para que a Educação Sexual aconteça, é necessário ter um espaço de conversa no qual a criança, o adolescente e até mesmo o adulto, possam falar e serem ouvidos e é importante evocar também que tal espaço não está restrito em acontecer somente dentro dos muros escolares, ou seja, a Educação Sexual pode acontecer nos diversos cenários existentes na educação: formal, informal e não-formal, conforme apresentamos anteriormente. Para tal, conforme afirma Luckesi (1994), basta ter a intenção de fazê-la e um objetivo a ser alcançado.

Frente a isso, Werebe (1981) classifica a Educação Sexual como sendo formal ou informal, declarando a Educação Sexual formal é organizada e institucionalizada ao passo que a Educação Sexual informal provém de um processo global das ações realizadas pelo indivíduo, sem uma intenção específica, que pode implicar direta ou indiretamente sobre a vida sexual de uma pessoa. Ambas as descrições vão ao encontro das afirmações de Bernardes (2019) e Libâneo (2006) quando classificam os cenários existentes da educação descritos anteriormente.

Educação formal é quando o professor planeja uma aula, intencionalmente, para trabalhar um tema [...] Até mesmo quando uma mãe ou um pai decidem pegar um livro de educação sexual para a criança, sentam e vão ler juntos com a criança [...] é um trabalho formal, intencional, sentou para desenvolver aquele trabalho. Contudo, a Educação Sexual, ela acontece também fora destes momentos planejados e muitas vezes, sem que os adultos percebam que ela está acontecendo como por meio das atitudes dos adultos, eles acabam ensinando muito para as crianças, passando valores, passando ideias (bonitas ou feias) sobre o corpo, sobre o sexo, sobre a vida a dois, nas suas atitudes, nas suas posturas, na forma de lidar com algumas situações do dia-a-dia que acontecem [...] na hora que a gente lida com situações, responde uma pergunta (ou até quando não responde) a gentes está passando mensagem. (Figueiró, O que é Educação Sexual, YouTube, 24 de outubro de 2017).

Como elucida Figueiró (2009a), a Educação Sexual na escola deve ser um processo de intervenção pedagógica, sem fins de formação de valores ou de normalização de identidade sexual e de gênero, assim como não deve ser direcionado ao entendimento biológico, religioso

ou subjetivo. Ao contrário, a educação sexual exige uma ação coletiva das representações sociais e a compreensão sobre a sexualidade e os papéis sociais existentes dentro da mesma.

A educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade. A educação em sexualidade está presente em todos os espaços de socialização: família, escola, igreja, pares, trabalho, mídia –, mas ocorre de forma pulverizada, fragmentada e desassociada de um plano de sociedade inclusiva baseada nos direitos humanos. Portanto, torna-se relevante a atuação do sistema educacional na tarefa de reunir, organizar, sistematizar e ministrar essa dimensão da formação humana. (UNESCO, n.d, p. 11).

Nos últimos anos, profissionais de diversas áreas se envolveram em estudos e pesquisas sobre a realidade sociocultural brasileira. Tal ação é de extrema importância e revela gradual amadurecimento sobre a interpretação do tema encarando os desafios existentes e preparando-se para novos rumos sobre a sexualidade e seus significados. (Souza, Milani & Ribeiro, 2020).

A Educação Sexual deve ser emancipatória, interligada à transformação pessoal e social, instigando o indivíduo a ser autônomo e compreensivo sobre valores e comportamentos que permeiam a sexualidade, isentando-se da culpa e libertando-se da repressão, contribuindo para que preconceitos sejam anulados. (Brittos, Santos & Gagliotto, 2013).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmavam que a Educação Sexual nas escolas visa:

Propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. Seu desenvolvimento deve oferecer critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade, assim como reconhecimento das manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola. Propõem-se três eixos fundamentais para nortear a intervenção do professor: Corpo Humano, Relações de Gênero e Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. (Brasil, 2000).

Veroneze et al (2016) afirma que em 2010 a Conferência Nacional de Educação instruiu quanto a reorganização da educação, visando qualidade e equidade, fato que levou a Secretaria

de Educação Básica do MEC, junto a outros órgãos e profissionais da educação e especialistas em currículos darem início à nova Base Comum Curricular [BNCC]. O projeto foi à consulta pública em 2015, com a finalidade de democratizar a implementação deste novo instrumento.

A partir de 2017, aspirando oferecer aos escolares brasileiros uma educação igualitária e buscando pôr em prática tendências encontradas em outros países, o Ministério de Educação implantou no Brasil a BNCC, visando: “[...] sinalizar o percurso de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes ao longo da Educação Básica, compreendida pela Educação Infantil, Ensino Fundamental, Série/Anos Iniciais e Finais, e Ensino Médio [...]” (Brasil, 2015, p. 7). Assim, a BNCC

[...] explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressa, portanto, a igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas. Essa igualdade deve valer também para as oportunidades de ingresso e permanência em uma escola de Educação Básica, sem o que o direito de aprender não se concretiza. (Brasil, 2017, p. 15).

Por conseguinte, temos de um lado os PCN constituídos por concepções educativas relacionadas a cidadania, propondo a reflexão, a autonomia, o compromisso com a vida social e o conhecimento dos direitos e deveres, permitindo a abrangência de temas como violência, saúde, recursos naturais, entre outros (Leão, 2009), e do outro, a BNCC focada nas áreas do conhecimento e das disciplinas obrigatórias, objetivando, antes de tudo atingir os objetivos das disciplinas do currículo escolar. (Veroneze et al 2016).

Dentre as diferenças que constituem os dois referenciais de aprendizagem, vale destacar aqui aquelas observadas nas áreas de conhecimento, pois vemos nos PCN a existência do temas transversais: meio ambiente, saúde, ética, orientação sexual e pluralidade cultural, enquanto que na BNCC tais temas são excluídos, surgindo os temas integradores: educação financeira, ética, direitos humanos e cidadania, sustentabilidade, tecnologias digitais e culturas africanas e indígenas. (Veroneze et al 2016). Logo, a BNCC, não substitui os PCN, tão pouco garante uma educação igualitária.

Ressalta-se com muita veemência que a formulação e a efetivação de um currículo com base comum não necessariamente se consistirá na verdadeira qualidade da educação básica, muito pelo contrário, ele poderá mascarar problemas se estes currículos servirem

somente para mensuração e estatísticas obtidas por meio de provas objetivas e padronizadas. (Veroneze et al 2016, p.12).

Deste modo, observa-se que depois da implementação da BNCC, os objetivos que direcionavam a orientação quanto à sexualidade desde os anos iniciais são anuviados, a sexualidade então volta a aparecer (mais explicitamente) para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental em objetivos específicos da disciplina de Ciências e, ainda, aparece timidamente, na disciplina de Geografia para alunos do 9º ano.

Nos anos finais, são abordados também temas relacionados à reprodução e à sexualidade humana, assuntos de grande interesse e relevância social nessa faixa etária, assim como são relevantes, também, o conhecimento das condições de saúde, do saneamento básico, da qualidade do ar e das condições nutricionais da população brasileira. (Brasil, 2017, p.327).

Percebe-se que não há oferta de temas para uma Educação Sexual que desperte nos alunos a reflexão sobre a amplitude da sexualidade (abordando temas como gênero, identidade, orientação afetivo-sexual, etc), mas temos objetivos específicos que apontam para o conhecimento anatômico e límbico do corpo humano, apontando o cuidar de si e do outro como uma ação saudável.

Pretende-se que os estudantes, ao terminarem o Ensino Fundamental, estejam aptos a compreender a organização e o funcionamento de seu corpo, assim como a interpretar as modificações físicas e emocionais que acompanham a adolescência e a reconhecer o impacto que elas podem ter na autoestima e na segurança de seu próprio corpo. É também fundamental que tenham condições de assumir o protagonismo na escolha de posicionamentos que representem autocuidado com seu corpo e respeito com o corpo do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva. (Brasil, 2017, p.327).

No que tange a sexualidade, ao serem comparadas aos PCN, as influências que alavancaram a mudança dos desígnios dispostos na BNCC podem ser compreendidas. Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019) explicam que os PCN nasceram em meio a um contexto histórico

social afetado por IST além do número de adolescentes grávidas que subia gradativamente, ou seja, trazer a orientação sexual para as escolas era uma maneira de combater os altos índices por meio da informação. Já a BNCC, surge em um momento de grande disputa política, envolvendo questões morais e religiosas, prevalecendo setores conservadores da sociedade em detrimento às ciências humanas, o que resultou em errôneas conclusões para as quais a escola não deve abordar assuntos como sexualidade, política e religião. (Silva, Brancaloni & Oliveira, 2019).

Todavia, frente a novos desafios sociopolíticos presenciados na atualidade, é ainda possível pensar sobre a Educação Sexual na matriz curricular durante o ano letivo, partindo do princípio que a Educação Sexual não se restringe aos livros didáticos, às discussões sobre gênero e à compreensão anatômica, mas faz parte da construção dos alunos enquanto indivíduos completos.

Educação Sexual é um processo mais complexo e vai além de preparar o indivíduo para que aprenda as informações que lhe possibilitem viver bem a sua sexualidade. Tem a ver, também, com a formação do cidadão como participante da construção de uma vivência mais digna da sexualidade, para todos, sendo capaz de ajudar a superar os preconceitos e os tabus, a combater a violência e a opressão sexual e a transformar os valores e as normas repressoras. Tem a ver com educar a pessoa por inteiro, enquanto ser aberto ao relacionamento e à interação humanizadora com o outro. Educar sexualmente uma criança, um jovem, deve ter como meta maior a educação para a felicidade. É tarefa, não apenas da família, mas também da escola. (Figueiró, 2009b, pp. 193-194).

Gilberto Alvarez em entrevista à Rede TVT em 2017, refletiu sobre o assunto e explicou que ao retirar questões de orientação sexual do currículo escolar, impede-se o debate sobre questões da sexualidade que envolvem aspectos sociais, como por exemplo a homofobia e a violência contra as mulheres, em consequência, deixa-se de trabalhar o respeito às diferenças. A ausência de objetivos que abordam sexualidade na Base pode acarretar o omissão da temática na sala de aula, o aumento da evasão escolar de alunos que não se sentem acolhidos e a carência da formação dos professores, uma vez que assuntos sobre sexualidade não tem respaldo específico na BNCC, entende-se que deixa de ser “obrigatória” e poucos estão prontos

para enfrentar as calorosas discussões que emergem com os conteúdos, resultando no abandono da discussão sobre a temática em cadeia.

Silva, Brancaleoni e Oliveira (2019), evidenciam que a BNCC aborda as questões que remetem à sexualidade de forma explícita e/ou implícita, separando-as em três temáticas: “sexualidade em sua dimensão biológica, silenciamento das questões de gênero e superficialidade no tratamento dos direitos humanos” (p. 1545). Ainda, refletem sobre o fato de que estas temáticas estão concentradas na disciplina de Ciências, sendo evidenciadas explicitamente no conteúdo curricular para o 8º ano do Ensino Fundamental através das habilidades: EF08CI07, EF08CI08, EF08CI09, EF08CI10 e EF08CI11, as quais dizem respeito à reprodução, puberdade e IST.

Ao refletir sobre as habilidades a serem desenvolvidas e o significado a qual a palavra se refere, percebe-se que a BNCC não fornece ao docente orientações específicas para sua atuação em temáticas da sexualidade, implicando em dificuldades que são reforçadas pela deficiência da formação do docente, muito pouco oferece à escola informações suficientes para a construção de um currículo o qual dá espaço para trabalhar a Educação Sexual na instituição. (Silva, Brancaleoni & Oliveira, 2019). Em comparativo aos PCN, estes últimos deixavam claro quais conhecimentos importantes seriam necessários para as práticas de ensino, compartilhando métodos e trazendo orientações para uso do professor. (Silva, 2003).

Por fim, em face do leque de assuntos que podem ser trabalhados por intermédio da Educação Sexual, percebe-se que existe a necessidade de estender tais conhecimentos não só a educadores, mas a todos os profissionais e dirigentes de instituições que trabalham com os diversos tipos de educação, desconstruindo o tabu de que falar sobre sexualidade com estudantes irá precocemente induzi-los à relações sexuais. (Brittos, Santos & Gagliotto, 2013).

3 FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES VOLTADA À EDUCAÇÃO SEXUAL

Começamos este capítulo com a seguinte afirmação:

É impossível imaginar alguma mudança que não passe pela formação de professores. Não estou a falar de mais um “programa de formação” a juntar a tantos outros que todos os dias são lançados. Quero dizer, sim, da necessidade de uma outra concepção, que situe o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, ao longo dos diferentes ciclos da sua vida. (Nóvoa, 1999, p. 18).

Diariamente surgem novidades, mudanças culturais, pensamentos inovadores, atitudes revolucionárias, entre muitos outros acontecimentos que influenciam e interferem direta ou indiretamente em nossas vidas. Em meio a toda esta diversidade surgem dúvidas, incertezas, curiosidades e a busca por compreensão. Esta busca é parte de nós, desde tempos remotos, é natural que o homem busque conhecimento para adaptar-se ao meio, isto é instinto de sobrevivência. Diferente dos animais, o ser humano não recebe em sua herança genética tudo que precisa para sobreviver e é adquirindo conhecimento que o homem transforma a realidade que vive, apropria-se da cultura acumulada pelas gerações passadas e a amplia para as gerações futuras (Mazzeu, 1998).

Nos dias atuais, a procura por formação e especialização para o trabalho tem aumentado diante da necessidade humana de se estabelecer no mercado, e a modernidade nos obriga a procurar por uma educação continuada. É difícil numerar os tipos e categorias de formação continuada, já que essas são muitas e geralmente não reconhecidas, pois atuam no âmbito da extensão curricular. Mazzeu (1998) aponta que foi na última década do século XX que esse modelo de ensino cresceu. Foram muitos os discursos sobre atualização e constante renovação do conhecimento a fim de acompanhar as novas tecnologias e mudanças no mercado de trabalho.

Considerando que o professor tem papel fundamental neste processo, compete a ele também, atentar-se à sua própria formação, atualizando-se e aperfeiçoando-se constantemente para entender dos assuntos atuais e instruir àqueles que estão sobre sua responsabilidade. Esta necessidade de formação contínua exigiu mudanças e criação de novas políticas nacionais a fim de atender os problemas do sistema educacional. (Gatti, 2008).

Tomando como base a LDB 9394/96, o Poder Público tem a incumbência de incentivar a educação continuada em suas diferentes modalidades. O Art. 63 estabelece que os Institutos devem manter os programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis, garantindo assim a atualização dos professores de diversas áreas (Brasil, 1996).

Por outro lado, Gatti (2008) defende que essas iniciativas públicas, no entanto, vieram para compensar uma má formação anterior e não para um aprofundamento e avanço do conhecimento destes profissionais.

Perrenoud, que em 1999 tornou-se referência entre os educadores em razão às suas teses sobre a necessidade de especialização de professores, defendia que a formação continuada é a principal responsável pelo ganho de novas experiências e conhecimentos. Afinal, se o objetivo da escola é formar alunos com pensamentos autônomos e críticos, o próprio professor deve portar as mesmas características, bem como estar apto a discutir esses conhecimentos (Mazzeu, 1998).

Mazzeu (1998) propõe que a formação continuada de professores aconteça em três eixos básicos:

- 1- Que ele (o professor) domine o saber sobre o conteúdo e sobre as estratégias de como ensinar;
- 2- Que compreenda e domine o diálogo vendo-o como meio de desenvolver a crítica e a autonomia;
- 3- Que seja uma formação ética e reflexiva para que o professor use seu saber com o intuito de desenvolver o aluno em sua totalidade, academicamente e como ser humano.

Nesse sentido, a formação continuada se faz por meio de uma atualização nos conhecimentos do professor, de modo que seus pensamentos ultrapassados deem lugar a novos que acompanhem as mudanças da sociedade. O processo de formação continuada, apesar da palavra 'continuada' remeter a uma noção de tempo e cronologia, é na verdade um marco zero, um recomeço no processo de aprendizado e de reflexão sobre os conhecimentos adquiridos historicamente pela sociedade. (Mazzeu, 1998).

No que tange a sexualidade, percebe-se que para muitos professores, a tarefa de orientar se configura como algo um tanto complexo devido a falta de reflexão sobre si mesmo. Porquanto, para formar professores para a Educação Sexual é preciso começar primeiro trabalhando o educador em sua individualidade profissional, compreendendo suas concepções culturais e morais. A partir daí, pode-se estender a formação para o coletivo. Falar sobre sexualidade é também falar sobre nossas experiências, por isso, é essencial que o educador

reflita sobre as questões relacionadas à sexualidade e sobre a forma como vem construindo e reconstruindo suas ideias, sentimentos e valores sexuais. (Figueiró, 2009a).

Faremos agora um recorte para antecipar a reflexão sobre o “ser” educador. Brandão (1982), afirma que cada membro na sociedade, para aprender a viver desempenha o papel de educar a partir do momento em que automaticamente o indivíduo cria, reproduz e reconstrói a cultura. A partir desta ótica, ser educador não é sinônimo de ser professor, estando este último termo mais voltado à uma profissão em uma área específica, no caso, a educação.

Para ser educador, não basta ser profissional da educação, não basta apenas utilizar-se de informações técnicas sobre o ensinar, é preciso antes de tudo, olhar para si mesmo e entender suas próprias visões, agregando as visões daqueles que nos rodeiam: Ser educador é contribuir para o amadurecimento intelectual e emocional que facilitará o processo de aprendizagem. (Souza, Milani & Ribeiro, 2020, p.100).

Por sua vez, cabe ao professor a ciência de que ele precisa estar em constante inovação e observação diante de seu papel na qualidade de educador, além de saber se posicionar política e profissionalmente.

Para reforçar, Bonfim (2012) defende que atuar na Educação Sexual é uma proposta de superação e assimilação de novos significados, contribuindo para que esta vivência seja, antes de tudo, humanizada e responsável. O primeiro passo para colocar a Educação Sexual em prática, consiste na formação do educador, uma formação sistematizada e baseada em abordagens e práticas pedagógicas, voltada para a atuação do professor e em suas diversas realidades.

De acordo com Mattos, Ferreira e Jabur (2008), a formação continuada é um conjunto de ações propostas que tem o objetivo de afinar a prática profissional do educador, fazendo-o sujeito e modelador de sua forma de ser e agir. Assim sendo, existe a necessidade de providenciar um espaço de partilha de informações no qual, com clareza e praticidade reflita-se sobre formas de como ensinar e aprender, nas diversas condições da educação.

Por ser a educação um processo inacabado e sempre em movimento, precisamos analisar quais instrumentos são necessários para que esta formação e, conseqüentemente, a atuação profissional aconteçam, examinando os resultados a partir de lentes socioculturais as quais irão permear a realidade educacional, podendo transformá-la. (Lopes, 2008).

Mas, não é possível desenvolver um trabalho de formação continuada, sem antes, conhecer a opinião dos educadores sobre a Educação Sexual. Figueiró (2006) aponta para a carência de reflexões com educadores sobre o trabalho a qual se comprometeram, compreendendo quais concepções eles trazem sobre a educação, sobre a sexualidade e sobre o papel do educador sexual. Tais ponderações precisam acontecer a cada dia, fazendo parte do processo de formação, levando a inúmeras possibilidades de debates que visam repensar a ação pedagógica, possibilitando ao educador o aperfeiçoamento de sua prática. (Brittos, Santos & Gagliotto, 2013).

Assim sendo, entendemos que uma prática educacional ativa só será bem sucedida se estiver livre de mitos e preconceitos associados à sexualidade, compreendendo os alunos como indivíduos com direitos, dúvidas, desejos e escolhas sexuais. Deste modo, torna-se essencial a busca de novos conhecimentos por meio da formação profissional.

3.1 - O papel do Educador em Educação Sexual

[...] em uma sociedade onde a informação sobra, mas a comunicação falta, em que há muito falatório sobre sexo, mas pouca palavra, é preciso buscar métodos que revalorizem o diálogo, o autoconhecimento e uma melhor integração entre sentir, pensar e agir. (Lúcia Afonso)

A sexualidade é um assunto que culmina em constantes argumentações envolvendo valores sociais, religiosos e morais, portanto, quando aparece dentro da escola, as questões que desafiam muito os professores são: Tratar a temática em sala de aula não afetará a relação escola-família? O quanto me sinto preparado para desenvolver este trabalho? O que me impede de desenvolver projetos sobre sexualidade da mesma forma como desenvolvo outros projetos pedagógicos?

Souza e Milani (2020) discorrem que a repressão diante da sexualidade acontece por longas datas e, por muito tempo, foi empregada para controle social, por esta razão, a cautela existente diante de temas que envolvem o sexo é histórica e pode ser observada em diferentes grupos da sociedade, entretanto, quando presente em sala de aula, a primeira barreira encontrada é a insegurança para trazer a temática para discussão.

Ao exercer o papel de educador, espera-se que este desenvolva a autonomia e viabilize a apropriação de conhecimentos específicos e culturais que assegurarão a aprendizagem dos alunos, contudo, existem influências dentro da prática pedagógica que poderão facilitar ou dificultar o trabalho deste educador. Tais influências impactam no significado do trabalho docente, no papel social da escola e na mudança ou permanência da estrutura da sociedade. (Mazzeu, 1998). Por esta razão, é necessário refletir sobre a formação contínua destes educadoras a fim de responder: Que tipo de educadores queremos para nossa sociedade?

O trabalho realizado para a formação continuada de educadores tem mostrado que aqueles que participam da formação crescem não só como profissionais, mas também como pessoas. Em sala de aula, estes professores são vistos como amigos dos alunos tornando-se mais próximos deles, resultando também na melhora da relação professor-aluno.

No entanto, após tantas repressões sociais e junto a ideia de que a sexualidade está relacionada à pornografia e ao pecado, vários educadores não se sentem aptos para trabalhar com o tema, o medo e a incerteza do resultado, assim como o receio de represália provinda dos familiares resultam em condutas que eduquem para a sexualidade mais tímidas ou ausentes (Souza & Milani, 2020).

Uma vez que a sexualidade tem caráter biopsicossocial, ela se manifesta em cada indivíduo de forma única e subjetiva e, quando observada em sociedade, se revela por meio de padrões sociais aprendidos culturalmente, os quais influenciam nas ações e comportamentos das pessoas. A junção destes significados resulta na concepção de sexualidade do sujeito. Este sujeito, por sua vez, ao desempenhar a atribuição de professor, chega à escola carregando seus próprios valores sexuais. (Maia & Ribeiro, 2011). Assim, quando pensamos em formar educadores para trabalhar com Educação Sexual, antes de tudo, precisamos trazer para discussão suas próprias crenças e valores sobre sexualidade, uma vez que não buscamos um trabalho de doutrinação, mas de conhecimento.

Figueiró (2006) afirma que ao trabalhar a formação do professor para a Educação Sexual, além de prepará-lo para a prática docente, também auxiliará em seu desenvolvimento pessoal, uma vez que o fará refletir sobre seus sentimentos, suas habilidades e atitudes frente o ensinar.

Refletir sobre si e sobre sua prática permite o aperfeiçoamento pedagógico do professor, transformando seu exercício e preparando-o para responder às necessidades que emergem no dia-a-dia de sua profissão. (Leão, Ribeiro & Bedin, 2010).

Mattos, Ferreira e Jabur (2008) discorrem que é importante que o educador perceba que não há verdades absolutas quando se trata de sexualidade, que as vivências, a religião e a cultura provocarão comportamentos diferentes nas pessoas, porém não nos cabe a tarefa de corrigir (não há o que corrigir, porque não há erro específico a ser tratado), mas de orientar e de atender as dúvidas, de compartilhar sobre o conhecimento científico e a diversidade cultural. Assim, diante desta reflexão, Souza e Milani argumentam:

[...] os educadores precisam estar dispostos a refletirem sobre as questões que envolvem a sexualidade com lentes neutras, sem julgamentos e baseadas em argumentos cientificamente comprovados, ao mesmo tempo em que é construída uma integração entre família e escola, possibilitando trabalho pragmático e enriquecedor, que preze pelo respeito e pelo amadurecimento do ser humano. (Souza & Milani, 2020, p. 77).

Vale lembrar que os Parâmetros Curriculares já propunham que, no trabalho com crianças e adolescentes, o professor deveria reconhecer a constante curiosidade e busca pelo prazer existentes no trabalho com crianças e adolescentes, que se despertam gradativamente em volta da sexualidade como parte genuína do desenvolvimento deles. Este educador precisará compreender a amplitude da sexualidade assim como qual o olhar que a sociedade tem sobre a temática, descobrindo que faz parte de seu papel preparar o aluno para viver sua sexualidade de forma saudável, positiva e feliz, sem deixar de exercer seu papel de cidadão crítico e consciente. Ao trazer para a sala de aula a Educação Sexual o professor estará construindo a oportunidade para a troca de ideias entre indivíduos da mesma idade, porém com visões de vida diferentes, compartilhando dúvidas em comum e cultivando o respeito ao outro. (Mattos, Ferreira & Jabur, 2008).

Sabemos que, diante da realidade da educação nos dias atuais, o professor precisa ser criativo, ágil e estar sempre preparado para improvisos, por esta razão, repensar constantemente sua prática é de extrema importância. Quando a temática sexualidade surge no contexto educacional, torna-se centro e ponto chave para fazer com que a Educação Sexual aconteça e a forma como o educador abordará o assunto poderá aproximar ou distanciar o aluno (e a família) de uma educação emancipatória³, refletindo no relacionamento professor-aluno e escola-família.

³ Cesar Aparecido Nunes (2011, p. 12 e 14), apresenta a educação emancipatória como estratégia de formação ativa para a ação política sobre nosso tempo, refletindo sobre a mesma como sendo contemplada pelo aspecto cultural, a qual implicará no exercício da cidadania.

Desta forma, a formação continuada permite que o professor se (re)construa, assumindo o papel de sujeito ativo diante de determinado processo. Figueiró (2004) ainda defende que a busca do educador por esta capacitação contínua não deve esperar que uma instituição a ofereça, não porque ela está isenta de sua responsabilidade de formar o profissional, mas no sentido de que a busca autônoma por formação traz benefícios pessoais para cada profissional.

Para formar alunos que assumam um papel ativo em sua aprendizagem, com autonomia e criatividade, o professor precisa, antes de tudo, ter ele próprio, esse tipo de postura com sua aprendizagem. Precisa exercitar e aprimorar sua atitude de busca constante pelo conhecimento, para conseguir despertar esse mesmo tipo de atitude em seu aluno. (Figueiró, 2006).

Frente ao exposto, fica então o questionamento: Qual seria o real papel do professor em Educação Sexual? O que esperar de sua atuação?

Souza (2002) defende que o professor para atuar em temas que abrangem a sexualidade precisa, antes de tudo, ser compreensivo, ser confiável e mostrar saber ouvir sem julgar ou criticar, fazendo uso do bom senso. Diante das demandas emergentes, este profissional precisa desenvolver e cultivar a empatia para que os alunos sintam abertura para se aproximar e compartilhar suas dúvidas a respeito de questões sobre sexualidade. É importante também que o educador saiba distinguir sua vida profissional de sua vida pessoal, a fim de que seus valores não induzam suas atitudes ou influenciam nas decisões de outros. Para isso, é preciso o estudo ininterrupto sobre o tema a fim de conceber embasamento teórico significativo que passará segurança e respeito aos envolvidos.

Ao educador cabe conhecer a amplitude de tópicos e argumentos que abrange a sexualidade, edificando reflexões sobre a naturalidade e a beleza da sexualidade, não banalizando, mas olhando para tal como parte do desenvolvimento humano e construção da personalidade de cada um de seus alunos, implicando na condição de lidar com a afetividade fruto do convívio social. (Souza, 2002).

Maia (2004) nos alerta ao dizer que, se um educador se aventurar a trabalhar com sexualidade estando despreparado, ou sem uma formação específica, ou ainda, sem um material para respaldo metodológico, o resultado de sua iniciativa pode ser desastroso.

Portanto, como em qualquer outra disciplina, na Educação Sexual espera-se que o professor seja mediador, um agente de transformação que busca:

[...] Criar um espaço em que há uma conversa entre o educador e o educando, neste espaço poderão ser refletidos assuntos sobre o corpo, sobre o que é ser menino ou ser menina, sobre de onde vem os bebês, sobre a gravidez, o parto e todas as questões que tem a ver com o ser humano e seus relacionamentos. O que é família, os diferentes tipos de família, o que é namorar, e que namorar é coisa de gente grande não de criança [...]. (Figueiró: O que é Educação Sexual, YouTube, 24 de outubro de 2017).

O diálogo será a principal ferramenta do educador. Figueiró (2017) orienta que as conversas para Educação Sexual, não podem ser restringidas a aulas expositivas, onde somente o professor tem a palavra, claramente este deverá ter conhecimento teórico e, em alguns momentos, precisará recorrer à explicação, porém é essencial que exista o diálogo. Serão nestes momentos em que os alunos poderão falar, expressar seus sentimentos, emoções e dúvidas.

Por sua vez Lopes (2008) aborda os ensinamentos de Paulo Freire para descrever o quão importante se faz o diálogo frente as práticas educativas, uma vez que é por meio dele que os sujeitos se constituem, todavia esta constituição só será possível a partir do momento em que o educador reflita sobre tal e coloque em vigor a prática dialógica em suas ações.

Dentre suas atribuições, o educador em sexualidade será o conscientizador, comprometido em construir (o respeito, a cooperação, a convivência) e desconstruir (o tabu, o preconceito), acolhendo os anseios e favorecendo o compartilhamento.

O significado do ensino da sexualidade está em formarmos jovens e adultos com conhecimento seguro de si mesmos e das questões da sexualidade, para que possam viver de maneira feliz, segura e responsável a sua sexualidade. Além disso, queremos formar cidadãos críticos e amadurecidos, participantes da transformação dos valores e das normas sociais ligadas às questões sexuais, incluindo-se, nesse conjunto, a transformação das relações de gênero, a fim de assegurar a igualdade e o respeito mútuo. (Figueiró, 2006, p. 67).

Destarte, ao refletir sobre o posicionamento e a prática do professor, não podemos deixar de olhar para o fazer pedagógico. Formular metas e meios de como atingi-las conforme a realidade de cada sala de aula, criar rotinas para o trabalho pedagógico e organizar o

planejamento permite que o professor reflita constantemente, preparando-o para o ensinar, evitando ações estereotipadas e diminuindo a improvisação.

Vemos aqui a importância do planejamento. Quanto a isso, os PCN já orientavam que as aulas deveriam ser pensadas para terem uma

continuidade, prevendo recursos necessários, utilizando de forma plena, funcional e sem desperdício, os recursos disponíveis, definindo um acompanhamento e uma avaliação sistemática e não realizar o planejamento como tarefa burocrática, legalmente imposta, alienada, sem criatividade, desprovida de significado para os que dela participam [...]. (Brasil, 1998, p. 88).

Por sua vez, a BNCC corrobora com os PCN ao enfatizar que o planejamento fortalece as disciplinas ensinadas, construindo relações entre elas, complementando-as ou redimensionando-as, a fim de contextualizá-las com a realidade. No entanto, este planejamento deve ter, entre suas finalidades, foco na equidade de ensino. (Brasil, 2017).

Perante o exposto, entende-se que um bom planejamento para a Educação Sexual deve estar alinhado a todas as disciplinas, de forma transversal e consiste em preparar momentos de discussões livres de preconceitos e tabus, explorando as diversas facetas da sexualidade com naturalidade, serenidade e respeito. Deixar os alunos falarem e ouvirem sobre angústias, medos, dúvidas, orientação sexual, etc, assuntos estes que vão além da biologia e ficam muito restrito nos livros didáticos. (Turk et al 2015).

Assim, Rojo (2001) defende que compete ainda ao educador, a tarefa de sempre repensar em suas ações didáticas, renovando e implementando novas orientações no processo de ensinar, evitando a cristalização de suas práticas didáticas, uma vez que estas podem despertar vários obstáculos, dentre eles, perder uma sequência didática. Aqui, a questão didática é a chave para que a Educação Sexual aconteça, assim como é também o grande desafio do educador, uma vez que nem sempre esta é uma substância de sua formação.

É também por meio da didática que o professor conquista o aluno construindo e reconstruindo e mantendo a relação professor-aluno, desenvolvendo o vínculo afetivo. Através desta relação pode-se explorar diversos assuntos, inclusive os que permeiam a Educação Sexual.

Por isso, planejamento e didática devem andar sempre juntos, fugindo da tradicional aula expositiva onde o professor se apropria do conteúdo para passá-lo ao aluno e buscando por

métodos mais ativos, de forma que o educador se torna o mediador e agente de interação social. (Lopes, 2008).

Por fim, se a Educação Sexual acontecer de forma bem planejada e dinâmica, com educadores engajados em sua formação continuada, visando a resolução de diversos desafios e almejando contribuir para o desenvolvimento integral do aluno, sem dúvidas será uma educação para a vida e para a qualidade da mesma. (Figueiró, 2006).

Portanto, no ambiente escolar, cabe à escola incentivar a construção de uma relação de confiança entre todos os seus membros, para que

[...] o educando possa perceber-se e viver, antes de mais nada, como um ser em formação, e para que a manifestação de características culturais que partilhe com seu grupo de origem possa ser trabalhada como parte de suas circunstâncias de vida [...] (Souza & Milani, 2020).

Segundo Werebe (1981), a instituição escolar deve desestabilizar as ideias preconcebidas, tabus e crenças, fazendo com que os jovens reflitam sobre os seus discursos e questionem a sua visão sobre o mundo, aspectos indissociáveis nas situações de convívio social. A Educação Sexual deve estar voltada para a emancipação, indagando noções e pressupostos pedagógicos que estão diluídos nos saberes sociais. Cabe à escola assegurar conhecimentos que sejam esclarecedores e proporcionar interações que possam ajudar no diálogo e na desconstrução dos preconceitos, envolvendo professores, alunos e familiares ao trabalhar a Educação Sexual, assumindo uma linguagem natural, clara, porém acolhedora e que esteja pautada na ciência e na ética. (Maia e Ribeiro, 2011).

Destarte, como estratégias para implementar a Educação Sexual na escola, Maia e Ribeiro (2011) indicam antes de tudo, realizar discussões com toda a comunidade escolar apresentando a sexualidade como aspecto essencial e comum da vida do ser humano, promovendo a integração escola-família para, a partir daí, planejar as ações que serão realizadas dentro das atividades que promoverão a Educação Sexual, visando responder às demandas da comunidade na qual a escola está inserida, respaldando-se no projeto político pedagógico da instituição. Os autores ainda reforçam a importância de se investir na formação técnica do educador, estimulando para que ele esteja engajado com a temática e se sinta à vontade para falar a respeito, buscando apoio de especialistas quando surgir debates polêmicos e buscando por recursos adequados (vídeos, dinâmicas, jornais, etc.) para desenvolver temas da Educação Sexual, zelando para que tais instrumentos não reforcem ou reproduzam o preconceito. Não obstante, deve-se atentar para que, ao trabalhar sexualidade na escola, tal ação

não haja imposição valores, mas sim a garantia do respeito aos princípios de cada um dos membros da instituição, promovendo a troca de informação de maneira reflexiva.

Estas estratégias foram levadas em consideração para a construção das etapas desta pesquisa, das quais serão apresentadas a seguir.

4 MÉTODO

Silva e Menezes (2005, p. 4) descrevem a metodologia como um guia no “caminho das pedras” que permeia a pesquisa e traz ao pesquisador novos olhares e reflexões sobre o objeto de pesquisa, despertando sua curiosidade e criatividade.

Por metodologia, entende-se o planejamento e ordenação de etapas que orientarão a investigação de um fato ou objeto. O que influencia a escolha da metodologia é a natureza do objeto de estudo. (Silva & Menezes, 2005).

4.1 Caracterização do estudo

Esta pesquisa foi desenvolvida através da abordagem qualitativa uma vez que, por meio dela, é possível compreender substancialmente comportamentos e/ou habilidades de professores em relação às demandas vivenciadas sobre Educação Sexual.

Godoy (1995) explica que a pesquisa qualitativa ganhou notoriedade e reconhecimento devido a suas várias possibilidades de coletar dados e estudar sobre os fenômenos que envolvem seres humanos e as relações sociais. Por não ser estruturada rigidamente, possibilita que a criatividade do pesquisador o instigue a investigar, propor e testar atividades que exploram diversas perspectivas.

Oliveira (2008) afirma que a pesquisa qualitativa permite compreender como os sujeitos interagem com o objeto de pesquisa, interpretando-o e construindo seu sentido. Assim, o pesquisador pode embasar seus estudos por meio da interação, interpretação e reflexão daquele mundo que o sujeito vivencia.

Ribeiro (2008) descreve que a pesquisa qualitativa é também descritiva, uma vez que traz em seu contexto uma vasta quantidade de informações levantadas pelo pesquisador. Para o autor, ao realizar a pesquisa qualitativa, parte-se da pretensão de conhecer o mundo que, por sua vez, é constituído por valores historicamente construídos. André (2013) complementa dizendo que as abordagens qualitativas se apresentam como parte de uma visão onde o conhecimento é um processo que se constrói socialmente.

Por intermédio das técnicas desta abordagem, é possível mergulhar na história do sujeito observado para entender seus comportamentos e realidades, interagindo, compartilhando e entendendo suas ações como resultados de influências de bagagem cultural, história de vida e dos grupos sociais dos quais fazem parte. Para tal se faz necessário bastante atenção, preparo e planejamento do trabalho por parte do pesquisador. (Oliveira, 2008).

Por sua vez, a escola, por ser o ambiente natural e fonte para coleta de dados, por sua dinâmica complexa e permeada de diversos significados, é essencial que, enquanto parte do objeto de estudo, seja observada com rigor científico, portanto, a abordagem qualitativa atende a estes requisitos, possibilitando maior compreensão dos fenômenos encontrados neste ambiente. (Oliveira, 2008).

De acordo com as diretrizes supracitadas, esta pesquisa foi realizada visando os seguintes objetivos:

- **Objetivo Geral:**

- Compreender as necessidades e dificuldades no processo ensino-aprendizagem quando se envolve sexualidade visando desenvolver estratégias para a formação continuada de educadores quanto a Educação Sexual.

- **Objetivos Específicos:**

- Compreender os interesses e motivação do docente pela busca de formação e especialização sobre sexualidade;
- Entender a visão dos professores frente ao trabalho de docência perante os assuntos que abrangem a sexualidade;
- Conhecer como a escola e os educadores lidam e abordam temas sobre sexualidade;
- Formar os educadores para refletirem em estratégias para a efetivação da Educação Sexual.

4.2 Participantes

Participaram desta pesquisa 10 professoras com idade entre 24 a 34 anos, atuantes no Ensino Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (do 1º ano ao 3º ano) das redes particular e pública do ensino, atuantes na cidade de Araraquara.

Tais critérios de inclusão foram estabelecidos considerando os desafios que podem ser encontrados por estas professoras. Desta forma, conforme orienta Gil (2002), ao selecionar a amostra com intencionalidade é possível obter os dados de forma mais assertiva, enriquecendo a pesquisa e permitindo um olhar qualitativo.

Os dados pessoais das participantes foram organizadas no quadro abaixo, onde temos as seguintes informações:

	SEXO	IDADE	RELIGIÃO	FORMAÇÃO	SETOR	FAIXA ETÁRIA QUE TRABALHA
Professora 1	Feminino	27	Católica	Pedagogia	Privado	4 e 5 anos
Professora 2	Feminino	33	Sem religião	Ciências Biológicas e Pedagogia	Público	6 e 7 anos
Professora 3	Feminino	27	Católica	Licenciatura em Letras e Pedagogia	Privado	4 e 5 anos
Professora 4	Feminino	34	Sem religião	Fonoaudiologia e Pedagogia	Privado	4 e 5 anos
Professora 5	Feminino	34	Evangélica	Licenciatura em Letras e Pedagogia	Privado	6 e 7 anos
Professora 6	Feminino	34	Católica	Pedagogia	Privado	6 e 7 anos
Professora 7	Feminino	24	Católica	Ciências Sociais e graduando em Pedagogia	Privado	7 e 8 anos
Professora 8	Feminino	26	Católica	Pedagogia	Privado	2 a 4 anos
Professora 9	Feminino	29	Católica	Licenciatura em Letras e Pedagogia	Privado	6 e 7 anos
Professora 10	Feminino	25	Católica	Pedagogia	Privado	7 e 8 anos

Quadro 1 - Dados pessoais das participantes
 Fonte: Elaboração própria

4.3 Local

A pesquisa aconteceu na Bee Happy Bilingual School Group⁴, uma das escolas da rede particular de Araraquara, que gentilmente nos disponibilizou uma sala de aula com recursos materiais (carteiras, projetor, lousa, cartazes e TV), por meio dos quais foi possível partilhar conteúdos, fotos e vídeos que complementaram o material disponibilizado para estudo e executar as dinâmicas e atividades propostas para reflexão.

4.4 Instrumentos utilizados para coleta de dados

Os dados foram colhidos em primeira instância por meio de entrevista semiestruturada (APÊNDICE I), trazendo como finalidade a triagem dos participantes e a imersão na atual instância da habilidade profissional destes sujeitos estudados. Conforme descreve André

⁴ A Bee Happy Bilingual School Group fica localizada na Avenida Dom Carlos Carmelo, nº 878, no bairro Cidade Jardim na cidade de Araraquara - SP.

(2013), para realizar uma coleta de dados existem alguns métodos que devem ser considerados, dentre eles a autora aponta para o fato de fazer perguntas e observar eventos. Desta forma, no primeiro citado, o pesquisador deve preparar um roteiro com questões que permitirão respostas que apontam para posicionamentos pessoais, compreensões e julgamentos.

As entrevistas são importantes instrumentos para coleta de dados, propiciando informações particulares de cada sujeito para o pesquisador. Oliveira (2008) descreve as entrevistas semiestruturadas como um conjunto de questões aplicadas para cada sujeito, em uma mesma sequência, podendo haver a adição de questões no intuito de compreender melhor a visão do participante, deixando as respostas relativamente livres. Segundo Oliveira (2008), a entrevista semiestruturada é a mais indicada para estudos na área da educação, já que facilita melhor concepção do ambiente estudado e, ainda, colabora para o levantamento de novos questionamentos além daqueles previstos, resultando no aprimoramento do estudo.

Isto posto, foi possível agrupar informações e levantar dados pessoais para a compreensão das necessidades profissionais das docentes, assim como para identificação e desenvolvimento de alternativas e estratégias para trabalhar com as demandas encontradas.

Em seguida realizamos uma série de encontros, os quais denominamos “oficina”, visando estudar e debater temas específicos dentro da área, por meio dos quais foi possível observar, interagir e compreender mais detalhadamente a percepção e atuação destas professoras.

Este trabalho de observação e convívio com as participantes por meio das oficinas, permitiu que elas compartilhassem suas rotinas, suas preocupações, suas inseguranças e nos permitiu participar de suas vivências. Para Oliveira (2008) quando o pesquisador conduz sistematicamente as interações planejando o que quer observar, elas proporcionam para ele um melhor foco em sua análise.

O termo “oficina” foi apresentado por Rena (2001, p.48) como “lugar onde acontece um ofício... lugar onde se verificam grandes transformações”, desta forma espera-se que as oficinas aconteçam em um espaço onde existem muitas reflexões.

Se para o Marceneiro, a madeira é matéria a ser transformada em objeto útil pela força do seu desejo e de suas ferramentas, para o grupo em “Oficina”, a matéria de trabalho é a história de cada componente e a história de todos que poderão ser reveladas e transformadas pela força dos argumentos e dos sentimentos compartilhados. (Rena, 2001, p. 48).

Partindo do pressuposto que as oficinas são instrumentos ricos para o aprimoramento dos profissionais, os encontros tiveram caráter formativo e objetivaram a compreensão e a desmistificação da Educação Sexual.

Os dados colhidos e as falas das professoras durante as oficinas foram anotados em um caderno para que pudéssemos rever as principais observações realizadas durante as interações. As anotações contribuíram para a pesquisa e adaptação do material usado nos encontros, assim como ajudaram, mais tarde, na análise dos dados combinados com os resultados da entrevista, sendo possível averiguar constâncias e occasionalidades.

4.5 Procedimentos

Ludke e André (1986), defendem que compete ao pesquisador, desde o início da coleta de dados, manter sempre a perspectiva da totalidade, atentando-se para não desviar-se de seu foco de interesse.

Com este enfoque, as entrevistas foram realizadas individualmente em ambiente reservado, para que se pudesse garantir que houvesse o silêncio necessário e também a liberdade para o diálogo sem interferências de fatores externos.

Os dados das entrevistas foram coletados entre os dias 16 a 20 do mês de setembro de 2019, em conformidade com o cronograma preestabelecido, atendendo a todos os requisitos registrados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara, no Parecer 3.506.735 aprovado em 14 de agosto de 2019 (ANEXO I). Após aprovação pelo CEP por meio digital, realizou-se a divulgação das oficinas e inscrição de profissionais interessados, foram entregues os Termos de Consentimento Livre Esclarecido [TCLE] para cada inscrito, instrumento no qual os objetivos, benefícios, riscos e legalidade da pesquisa foram devidamente apresentados. O desenvolvimento deste estudo não implicou riscos de natureza física, social ou econômica às participantes, no entanto, quanto ao risco psicológico, cada participante estava ciente da possibilidade de cansaço ao ler os textos ou desconforto ao expor sua experiência e/ou opiniões, estando todas de acordo.

Em uma entrevista semiestruturada são muitos os dados transcritos. Assim sendo, de acordo com Alves e Silva (1992) é preciso que a pesquisadora tenha o cuidado de sistematizar as informações obtidas por meio deste instrumento e consiga focar nas questões ligadas ao seu problema de pesquisa. Deste modo, as entrevistas foram transcritas durante a conversa inicial com cada participante, sendo registradas diretamente no computador. Após todas as entrevistas

semiestruturadas serem realizadas, estas foram revisadas e salvas em documentos separados de acordo com cada participante.

A partir das entrevistas foi possível organizar as oficinas, que aconteceram em oito encontros, nos meses outubro e novembro de 2019. Cada encontro foi realizado à luz de estudiosos da Educação Sexual, como Ribeiro, Figueiró, Lopes, entre outros e com duração de 1 hora cada.

Os encontros do grupo e oficinas foram pautados nos itens citados na Resolução 466/12, a qual considera “o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos”, garantindo que a pesquisa só seja realizada após apresentação do consentimento livre e esclarecido aos sujeitos participantes.

No início de cada encontro, foi entregue um texto impresso com as principais ideias sobre o tema de estudo do dia com as referências bibliográficas para consulta, assim, todas as participantes teriam as informações guardadas para si, podendo consultá-las sempre que precisassem. Da mesma forma, os slides utilizados para apresentação eram compartilhados após o encontro.

Os temas selecionados para as oficinas foram escolhidos após as entrevistas com as participantes uma vez que, neste primeiro contato, foi possível identificar as principais dúvidas das professoras. O passo seguinte, foi realizar um levantamento de temas estudados durante as disciplinas oferecidas durante o curso de pós-graduação da pesquisadora, pertinentes à formação do professor, sendo eles organizados da seguinte forma:

- 1- Definição de sexualidade;
- 2- História da sexualidade;
- 3- Diferença entre sexo, Identidade de gênero e Orientação sexual;
- 4- A sexualidade no desenvolvimento do ser humano (Contribuições de Freud e da Neurociência);
- 5- Por que Educação Sexual?
- 6- O papel do educador em Educação Sexual;
- 7- Trabalhando a Sexualidade nas instituições: livros, mídias e dinâmicas como estratégias de Educação Sexual;
- 8- Estudo e análise de casos.

Tais temas foram pensados a partir das afirmações:

Um estudo voltado para questões educacionais que se utilize da etnografia deve ter o cuidado em refletir sobre o processo de ensino-aprendizagem, situando-o dentro de um contexto sócio-cultural mais amplo. Deve haver a preocupação em não reduzir a pesquisa somente ao ambiente escolar, mas também promover uma relação entre o que se aprende na escola e o que se passa fora dela. (Oliveira, 2008, p.4).

Sob este viés, construímos um espaço único no qual a todo momento as participantes eram convidadas a refletir sobre si mesmo, seus valores e sua própria educação e o quanto tais fenômenos são trazidos para sua prática. A cada encontro foram despertados dúvidas, críticas e (re)significados sobre as percepções das participantes que permitiram a troca de experiência, o desabafo e a partilha de informações, cumprindo assim, as orientações realizadas por Figueiró (2006) que adverte sobre a necessidade de conhecer a opinião dos professores sobre a Educação Sexual, compreendendo seus valores, considerando suas ideias, conhecimentos, necessidades e experiências.

O encerramento dos encontros foi marcado com a análise de alguns casos por meio de uma dinâmica, visando observar a eficiência da oficina como prática formativa realizada com estas profissionais.

4.6 Análise dos dados

Para Ludke e André (1986), a análise de documentos é uma técnica importante na pesquisa qualitativa, pois permite complementar as informações adquiridas além de possibilitar o levantamento de outros problemas sobre a temática. Para os autores, documentos são todos os materiais que podem fornecer informações sobre as ações dos participantes de um estudo, por conseguinte, selecionados tais documentos, a análise dos dados é o próximo passo a ser dado.

Depois de coletar os dados, demos início à sua análise, tendo em mãos uma vasta quantidade de dados pedagógicos, psicológicos e sociais a serem apurados. Tais resultados nos possibilitou quantificar algumas informações, mesmo sendo esta uma pesquisa qualitativa, pois conforme explicam Urquiza e Marques (2016) pode-se recorrer a quantidades para dar suporte na análise de conteúdos resultantes da comunicação.

[...] a análise do conteúdo pode caracterizar-se como um método de investigação do conteúdo simbólico das mensagens. Essas mensagens, podem ser abordadas de diferentes formas e sob inúmeros ângulos. Pode, por exemplo, haver variações na unidade de análise, que pode ser a palavra, a sentença, o parágrafo ou o texto como um todo. [...] O enfoque da interpretação também pode variar. Alguns poderão trabalhar com os aspectos políticos da comunicação, outros os aspectos psicológicos, outros, ainda, os literários, os filosóficos, os éticos e assim por diante. (Ludke & André, 1986, p. 41).

André (2013) defende que as análises ocorrem desde o início da coleta de dados e em várias etapas da pesquisa, mas é formalizada depois do levantamento dos dados. Para esse momento, a autora orienta separar o material coletado para organizá-lo de acordo com o instrumento utilizado, fonte de coleta ou ordem cronológica.

À vista disso, nosso trabalho começou com o que cada educadora acreditava ser a sexualidade, partindo do senso comum, para uma compreensão respaldada no conhecimento científico.

Conforme sugere André (2001), após organizar o material levantado, realizou-se a leitura detalhada do mesmo, separando falas específicas e citações literais que comprovam as interpretações realizadas, atentando-se ao tratamento da subjetividade das participantes.

De acordo com Ludke e André (1986), é necessário planejar a observação antes de realizá-la, pois neste momento será delimitado o objeto de estudo, deixando bem definido o foco da investigação. Desta forma, buscamos interpretar os dados levantados e organizá-los conforme os significados a eles atribuídos no decorrer do estudo.

- 1- O professor está preparado para ser educador em Educação Sexual?
- 2- Existe material de apoio pedagógico para uso e respaldo do trabalho do professor frente a demandas que envolvem a sexualidade?

Assim sendo, buscamos interpretar os dados levantados e organizá-los conforme significados que fomos atribuindo no decorrer do estudo.

Quando o interesse do pesquisador é estudar o problema a partir da própria expressão dos indivíduos, ou seja, quando a linguagem dos sujeitos é crucial para a investigação. Nesta situação incluem-se todas as formas de produção do sujeito em forma de escrita [...] (Ludke & André, 1986, p. 39)

Por conseguinte, a análise das informações recebidas proporcionou o agrupamento de temas que separamos em grupos no discorrer dos resultados, conforme ordem cronológica de coleta.

Diante das problemáticas emergidas no decorrer do trabalho, e com base no levantamento bibliográfico por nós desenvolvido, propomos reflexões de cunho didático-pedagógico, uma vez que tal ação

[...] tem vários méritos: a) a valoriza a ação do professor como caminho para a sua autonomia e emancipação; b) busca propósitos justos e generosos ao dar voz ao professor para melhorar a prática, combater as desigualdades e a exclusão; [...]. (André, 2001, p. 56).

Assim, daremos continuidade na interpretação destes elementos no capítulo a seguir que abordará os resultados e discussão.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, apresentaremos os dados coletados durante o primeiro contato com as participantes, que responderam a todas as questões da entrevista.

Conforme quadro 1 anteriormente apresentado, nota-se que o maior interesse veio do setor privado. Sendo todas do sexo feminino, a maioria destas profissionais possui mais de uma formação, o que evidencia adesão à formação continuada. Percebe-se também que todas fizeram (ou fazem) cursos de licenciatura. Diante do mesmo quesito, percebe-se que todos frequentam ou frequentaram cursos de licenciatura. Em relação à idade das participantes, esta varia de 24 a 34 anos. Três das participantes informaram ser este o primeiro trabalho.

Com as informações colhidas em mãos, nos demos conta de que, para melhor compreensão do estudo e análise futuras, seria importante acrescentar aos dados se as participantes tinham uma religião. Por esta razão, este dado foi colhido no início da primeira oficina.

Durante a entrevista verificamos se essas profissionais tiveram contato com a Educação Sexual durante sua passagem na universidade, sendo elas convidadas a compartilharem como os conteúdos eram abordados. Apenas cinco relataram terem tido contato com o tema durante a graduação, porém nenhuma das falas mostra clareza e aprofundamento na temática:

No curso de pedagogia foi muito abordado, principalmente porque era na UNESP de Araraquara e temos o grupo de estudos de sexualidade aqui na UNESP. Sempre foi abordado, mas com cautela, pois na sala tínhamos meninas evangélicas que não podiam ouvir sobre o assunto, uma menina da sala pediu para fazer trabalho em casa pois se sentia incomodada com o assunto e feria seus princípios⁵ (Informação verbal).

Na formação de Ciências Sociais a questão da Educação Sexual foi abordada de maneira bem simplória, sem muita ênfase, pela disciplina de Psicologia da Educação⁶ (Informação verbal).

Sim, tive aula de Educação Sexual⁷ (Informação verbal).

⁵ Citação oral proferida pela professora 1. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

⁶ Citação oral proferida pela professora 7. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

⁷ Citação oral proferida pela professora 8. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

Quando fiz a Pedagogia me lembro de ter uma disciplina, mas nada muito específico, alguns tópicos sobre sexualidade, mas nada realmente bem direcionado a como trabalhar em sala com isso, era mais como parte do desenvolvimento da criança⁸ (Informação Verbal).

A Educação Sexual foi abordada em um semestre, no entanto foi superficialmente e pautada apenas como se dava o ato sexual na antiguidade⁹ (Informação verbal).

Estas falas pertencem a ex-alunos da UNESP de Araraquara, uma das pioneiras no estudo sobre sexualidade que, perseverante, como descreve Bedin (2016), tornou possível em 2012, o curso de pós-graduação em Educação Sexual concedendo o mestrado profissional, com início da primeira turma em 2013. Como explicam Souza, Milani e Ribeiro (2020, p. 104), embora

Inicialmente a ideia de trabalhar Educação Sexual tenha sido pensada para o contexto escolar, considerando as atuais relações sociais em que manifestações da sexualidade e suas concepções, valores e percepções ocorrem intensamente e surgem outras demandas que solicitam também ações de Educação Sexual, que se tornou uma área de atuação interdisciplinar e em múltiplos espaços. Vemos o crescimento do interesse e da participação de profissionais da Fisioterapia, Educação Física, Enfermagem, Psicologia, Pedagogia, Publicidade, Jornalismo, Recursos Humanos Empresariais, Medicina, Nutrição, Ciências Sociais, História, Letras dentre outras. Estas áreas são as de formação dos alunos e alunas do Curso de Mestrado em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em Araraquara SP, matriculados entre 2013 e 2019.

Pinheiro, Silva e Tourinho (2017) refletem sobre como a Educação Sexual é inserida no currículo e sobre o acesso limitado (quando ele existe) dos professores a ela durante a sua formação inicial. A inexistência ou precariedade da Educação Sexual tem como resultado a dificuldade dos professores de desenvolver atividades, ações ou projetos sobre o tema.

⁸ Citação oral proferida pela professora 9. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

⁹ Citação oral proferida pela professora 10. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

Por meio das informações coletadas, pudemos verificar que a data de conclusão da graduação de cada professora e as suas exposições para o grupo (sobre ter acesso ao conteúdo, estar presente em uma aula, ou ainda ter contato com um professor do curso de pós-graduação que é referência no estudo de Educação Sexual) indicam que, gradualmente, o estudo sobre a sexualidade está sendo inserido na formação de educadores desta universidade, assim como a ausência de respostas das participantes que estudaram em outras instituições nos estimula a refletir, para trabalhos futuros, sobre a matriz curricular dos cursos de graduação que formam educadores. Ademais, conforme o relato das participantes, existe uma certa resistência por parte de alguns alunos de graduação a participar dessas aulas por julgarem-nas desnecessárias ou contrárias a seus valores pessoais.

Ao que se diz respeito ao curso de Pedagogia, em sua tese de doutorado, Leão (2009) faz uma apresentação detalhada do percurso histórico do mesmo, analisando suas estruturas e propostas para compreender a organização didático-pedagógica do mesmo. Durante sua reflexão, a autora aponta que, desde os primeiros cursos de Pedagogia existentes no país, não se tinha claro o papel a ser desempenhado pelo pedagogo, assim como não havia muita informação sobre seu campo de atuação, ora ele exercia atividades de cunho técnico, ora desenvolvia atividades mais generalista dentro das diversas disciplinas. Por esta razão, em 1962, os cursos superiores que formavam professores instituiu novo currículo para regulamentar o curso. Leão (2009) descreve que, na época, os estudantes pediam por melhorias na prática e regulamentação do trabalho do professor, fato que, ao longo do tempo, desencadeou algumas reformas universitárias, mas somente em 2006 os frutos começaram a ser colhidos diante da necessidade de um olhar mais aprofundado para a formação do professor.

Desta forma, percebe-se que há muito tempo a defasagem da abordagem de questões sobre sexualidade durante a graduação do professor existe. Ainda citando Leão (2009), foi a partir de 2006 que discussões sobre o respeito às diferenças de gênero surgem durante a formação do professor. Esta proposta foi uma ótima oportunidade, porém era (e ainda é) necessário que mais temas fossem estudados e desenvolvidos no curso de Pedagogia, uma vez que os formandos são os futuros educadores e não há como refletir na dimensão do que é ser humano sem, contudo, falar sobre sexualidade. (Leão 2009; ver também em Brittos, Santos e Gagliotto 2013 e em Miranda, 2015).

A educação de hoje certamente não é a mesma dos séculos anteriores, mas encontra-se envolvida em rupturas e mudanças, como também na realocação de problemas. Assim,

a inserção do tema Orientação Sexual na escola, na transversalidade, perpassa hoje como um campo problemático, uma vez que há a necessidade de transpor fronteiras do saber e disciplinas científicas, assim como há o desafio de ultrapassar barreiras envoltas a em mitos, crenças, informações da mídia, valores familiares, discursos e procedimentos pedagógicos, entre outros. (Oliveira, 2009, p.179).

Frente ao exposto, observa-se que a falta de formação em Educação Sexual nos cursos de licenciatura, principalmente no curso de Pedagogia, traz para os educadores a insegurança e a sensação de despreparo para lidar com demandas em sala de aula.

Por sua vez, Vilaça (2008) reflete sobre como a falta de informação na graduação traz preocupações ao professor diante da necessidade de desenvolver uma estratégia do ensino sobre a sexualidade quando em sala de aula. A autora defende ser importante que, durante a formação do professor, exista o contato com abordagens metodológicas as quais possibilitem-no desenvolver uma ação pedagógica.

Das pessoas participantes desta pesquisa, somente duas declararam sentir-se preparadas para trabalhar com os alunos: uma professora graduada em Pedagogia e outra professora graduada em Biologia.

Sabemos que a sexualidade está presente na vida humana desde o nascimento, desta forma, é certo que educadores, em algum momento, estarão enfrentando o desafio de saber ouvir e orientar um aluno quanto a sexualidade.

A fim de entendermos como chegam estas demandas e o comportamento das professoras frente a elas, durante a entrevista foi questionado se as participantes já haviam se deparado com alguma situação envolvendo sexualidade e como lidaram com isso. É importante lembrar que vários autores realizaram trabalhos similares, como Ribeiro, Leão, Figueiró, entre outros. Estes autores, contribuíram grandemente para as argumentações, compreensões e conclusões aqui desenvolvidas. Apenas uma professora disse não ter vivenciado tal situação. As respostas das outras professoras se dividem em:

GRUPO 1- Mostram enfrentar os desafios e tentam resolver a situação à sua maneira:

Na sala em que atuo, tenho meninas que se masturbam, quando era muito aparente, conversamos bem tranquilamente com as meninas dizendo que elas podem fazer aquilo, mas no quarto ou em casa¹⁰ (Informação verbal).

Na hora pedi para as crianças procurarem outro lugar para brincar e para mudar a brincadeira, pois o que estava acontecendo poderia “machucar alguém”. Depois separado de todos os alunos chamei as crianças uma de cada vez e perguntei sobre a brincadeira que estava acontecendo embaixo daquele brinquedo. [...] precisei chamar os pais e conversar sobre o que estava acontecendo, pois na mesma semana as mesmas crianças estavam tentando brincar da mesma brincadeira¹¹ (Informação verbal).

Perante a iniciativa do professor em acolher a situação e abordar o assunto com os alunos, Figueiró (2009a) defende que o ato de ensinar sobre sexualidade acontece, antes de tudo, na atitude do professor, cabendo a este a compreensão que a sexualidade faz parte de cada indivíduo e pode ser vivida com alegria e responsabilidade, possibilitando àqueles a quem ensina o direito de experimentar o prazer. A autora inclusive discute sobre a masturbação, explicando que muitos professores ainda carregam ideias errôneas, carregadas de tabus e preconceitos, atribuindo à masturbação um caráter patológico. No entanto, masturbar-se é uma ação positiva, saudável e faz parte do processo de autoconhecimento.

Portanto, diante das afirmações de Figueiró (2009a), a atitude da professora 1 estava no caminho correto. Em relação a atitude da professora 6, a autora explica que devemos envolver os pais na Educação Sexual, contudo, antes de chama-los para apresentar uma demanda dos alunos, o professor deve entender esta demanda e sua natureza, assim ele evitará conclusões como: “Meu filho está fazendo algo feio, errado” ou “Ele deve ter algum problema”.

GRUPO 2- Sentem dificuldade de atender a demanda, apresentando preocupações pessoais e, na tentativa de naturalizar a situação, não se tem a conclusão de que o assunto foi realmente resolvido:

¹⁰ Citação oral proferida pela professora 1. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

¹¹ Citação oral proferida pela professora 6. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

Estava trabalhando na Educação Infantil (4 e 5 anos). No primeiro momento, procurei não reprimir a criança e orientar no sentido de evitar que ela se machucasse (caso de masturbação) ou ficasse muito exposto¹² (Informação verbal).

Confesso ser um pouco difícil, mas abordei de forma natural, apenas ensinando a criança que não podemos tocar no corpo do outro sem permissão¹³ (Informação verbal).

Quando me deparei com essa questão envolvendo a sexualidade, precisei conversar com o aluno expondo as ideias pertinentes a idade dele¹⁴ (Informação verbal).

Figueiró (2009b) orienta dizendo que toda e qualquer oportunidade na escola deve ser aproveitada para realmente tratar da sexualidade, diferente de ouvir e deixar o assunto “esfriar”. Por vezes o educador pode não se sentir completamente à vontade para falar sobre o assunto, isso faz com que ele responde de forma rápida, breve e sem muitos detalhes importantes e de caráter formativo. Devolver a pergunta realizada, ou fazer uma pergunta para despertar a reflexão é um bom começo para o trabalho de Educação Sexual, assim como propor pequenas pesquisas (momento em que o próprio educador vai em busca de informações) e abrir um espaço de partilha dentro de uma de suas aulas.

GRUPO 3 – Ignoram, evitam ou terceirizam a resolução da demanda por sentir-se despreparadas:

Algumas crianças têm se tocado durante o momento de roda e quando vão ao banheiro, principalmente os meninos. Geralmente eu só peço para que eles tirem a mão da calça, pois a mão está suja e que lavem as mãos¹⁵ (Informação verbal).

Querem conhecer o seu próprio corpo (inclusive se masturbando, se é que podemos usar esta palavra para esta fase ainda de exploração), e querendo conhecer o corpo do sexo oposto, em geral sendo curiosas¹⁶ (Informação verbal).

¹² Citação oral proferida pela professora 7. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

¹³ Citação oral proferida pela professora 8. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

¹⁴ Citação oral proferida pela professora 10. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

¹⁵ Citação oral proferida pela professora 3. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

¹⁶ Citação oral proferida pela professora 4. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

Pedi ajuda¹⁷ (Informação verbal).

Foi uma situação pontual e minha parceira na época quem lidou com a situação¹⁸ (Informação verbal).

Tendo em vista tais posturas, trazemos para comparação um fato descrito por Figueiró (2009), onde a autora compartilha uma de suas experiências, narrando um fato com uma professora a qual podou a oportunidade de trabalhar a sexualidade com seus alunos, ao pedir que o aluno retornasse ao seu lugar de assento frente a pergunta dele sobre preservativo, acreditando que desviar-se do assunto estaria afastando o aluno da temática e encerrando a questão.

Fato é que, ao interromper o curso da curiosidade do aluno, abster-se de conversar a respeito ou ignorá-lo, o professor pode transmitir a ideia de que este é um assunto proibido, não natural. Figueiró (2009a, p. 149) enfatiza que “Diante da instrução de alguns estudiosos da Educação Sexual de que só se deve responder ao que a criança pergunta, satisfazendo a curiosidade do momento, eu refuto, afirmando que, não basta responder, é preciso conversar”. Destarte, todo comportamento apresentado por um aluno, deve ser considerado com uma oportunidade para que a Educação Sexual aconteça. A medida que estes momentos vão ganhando espaço e participação dos alunos, o trabalho torna-se mais desinibido e é possível construir um espaço de seriedade e respeito em face dos temas que surgirão.

Levando em consideração as respostas das professoras separadas nestes três grupos, citamos Anami e Figueiró (2009) que afirmam que a insegurança e o receio de falar sobre sexualidade é resultado da ideia de que o sexo é pecado, remetendo-o à pornografia, julgando a sexualidade com lentes do senso comum as quais são revestidas de valores morais. Por esta razão, familiares tendem a adotar posturas rígidas frente ao tema, revelando desconhecimento do que é a Educação Sexual. Porém as autoras afirmam que o não falar também é uma forma de educar, porém estaremos ensinando que o silêncio significa aquilo que não deve ser falado, logo estaremos construindo ou reproduzindo um tabu.

Além disso, não podemos deixar de lado o fato de que estamos inseridos em uma sociedade repressora frente as questões de sexualidade, sociedade esta que não compreende (ou não se esforça em fazê-lo) a diferença entre sexo e sexualidade, associando esta última com ações imorais ou promíscuas. (Figueiró, 2009b).

¹⁷ Citação oral proferida pela professora 5. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

¹⁸ Citação oral proferida pela professora 9. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

Por esta razão, formar e preparar educadores contribuirá para um novo olhar para estes paradigmas da sociedade, visando um futuro onde há diálogo entre as gerações, a fim de incluir e garantir a compreensão de todos os indivíduos, garantindo oportunidades de conversas, questionamentos, análise e reflexão. (Oliveira, 2009).

Também devemos considerar que, ainda que os professores deem abertura para dialogar sobre sexualidade, é importante que estejam ancorados em informações verídicas e que condizem com a faixa etária atendida por eles.

Ainda, entende-se que teorias e materiais são construídos para guiar e embasar o trabalho em educação. Independentemente da metodologia e das estratégias utilizadas pelo educador e pela instituição, estar provido de um material de base garante a segurança de quem lida diariamente com os desafios da educação. Por isso como apontam Turk et. al (2015), quando o tema é sexualidade, por ser este muito abrangente e de extrema importância, além de entender a dimensão da temática, o educador deve se preparar para abordar cada assunto de acordo com a faixa etária de seu público. Por esta razão, ele deve estar respaldado por materiais que guiem as ações pedagógicas e tragam maior segurança na aplicação de dinâmicas e na escolha de estratégias para seus alunos.

Porém, ao investigar quais materiais de suporte as participantes desta pesquisa usaram para pesquisar e/ou trabalhar com seus alunos, as respostas evidenciam a escassez de informações específicas para a faixa etária atendida por estas profissionais.

Figueiró (2009, p. 149) faz uma importante observação sobre os livros didáticos:

[...] não se encontra nenhuma palavra ligada à sexualidade. Não é por acaso que isso acontece. Poderia constar, por exemplo, palavras como: espermatozoide, menstruação, óvulo, útero, cesariana e assim por diante. Poderiam estar contidas nos grupos de palavras onde se pede ao aluno para separar as sílabas, procurar palavras no dicionário, formar frases com um conjunto de palavras etc. Seria um meio de instigar os alunos a perguntarem; seria criar oportunidades para conversar sobre o assunto.

A autora também propõe uma série de atividades que ajudam o professor trabalhar com o tema, de forma dinâmica e interativa, dentre elas, sugere o trabalho de “dessensibilização pela palavra”, por meio do qual professores e alunos pronunciam terminologias ou apelidos sobre a sexualidade, percebendo o significado que tais palavras tem para os alunos, sem se preocupar com os risos, uma vez que estes são esperados e representam a expressão do embaraço ao falar

de um assunto considerado tão polêmico. A passo que a temática vai se tornando “normal” para os envolvidos, o riso vai se extinguindo. (Figueiró, 2009a).

Ao abordar sobre material de apoio, duas das professoras participantes, compartilharam a vivência de utilizar um quebra-cabeça de madeira do corpo humano para trazer o assunto para a sala de aula, trabalhando a temática com ludicidade, enquanto que outras duas recorreram à pesquisa na internet sobre como trabalhar a temática com crianças. Outra participante chegou a ter acesso a um livro sobre como os bebês são concebidos, porém não o usou por considera-lo impróprio à seus alunos. As outras participantes não apresentaram conhecimento sobre qualquer material de uso didático ou para informações.

Fazemos aqui uma pausa para analisar a informação de uma das professoras sobre o uso de atividades lúdicas, que por sua vez, são importantes instrumentos de mediação para a educação, pois por meio da ludicidade é possível aproximar-se mais do universo do aluno e propiciar vivências mais significativas.

O que a ludicidade traz de novo é o fato de que o ser humano, quando age ludicamente, vivencia uma experiência plena. Com isso, queremos dizer que, na vivência de uma atividade lúdica, cada um de nós estamos plenos, inteiros nesse momento; nos utilizamos da atenção plena, como definem as tradições sagradas orientais. Enquanto estamos participando verdadeiramente de uma atividade lúdica, não há lugar, na nossa experiência, para qualquer outra coisa além dessa própria atividade. Não há divisão. Estamos inteiros, plenos, flexíveis, alegres, saudáveis. Poderá ocorrer, evidentemente, de estarmos no meio de uma atividade lúdica e, ao mesmo tempo, estarmos divididos com outra coisa, mas aí, com certeza, não estaremos verdadeiramente participando dessa atividade. Estaremos com o corpo aí presente, mas com a mente em outro lugar e, então, nossa atividade não será plena e, por isso mesmo, não será lúdica. (Luckesi, 2014, p. 2).

Ribeiro e Alvarenga (2014) descrevem um trabalho realizado com alunos do 4º ano, onde criou-se um espaço de expressão e de troca de informações, permitindo abordar diferentes temas que compõe a sexualidade por meio de histórias, músicas e desenhos. Através destas atividades, as autoras conseguiram identificar crianças que tinham acesso a conteúdo pornográfico, tentativas de estupro, entre outras situações que demonstram a carência de

Educação Sexual desde a infância, ou seja, se estas crianças e seus familiares, tivessem contato com a Educação Sexual, talvez os discursos encontrados seriam diferentes.

Neste quesito, citamos as contribuições de Carolina Arcari¹⁹, a qual por meio de seus materiais impressos, digitais e site, colabora para a discussão da sexualidade com crianças da Educação Infantil, promovendo o autoconhecimento, suprimindo as curiosidades e, sobretudo, ensinando as crianças a se defenderem dos abusos.

Sabe-se que a ludicidade é muito importante, principalmente na educação infantil, haja visto que a brincadeira, o faz-de-conta e os jogos simbólicos não essenciais para as crianças. Através do brincar o aluno realiza, de forma ativa, uma representação de mundo.

Assim, ao trazer para sala de aula estas experiências, os alunos tem a oportunidade de se expressar e construir significados perante a situações reais. Quando pautamos a Educação Sexual, no conhecimento científico, trabalhar por meio da ludicidade permite desmistificar a temática e abrange-la com prazer e com liberdade. (Maia et al 2012).

Por meio da brincadeira podemos, dentre outros assuntos, refletir sobre as questões de gênero, ao trazer para uma roda de conversa a reflexão sobre a existência de brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, por exemplo.

Figueiró (2009b) também traz como sugestões de estratégias lúdicas, a dramatização, o desenho e a modelagem, por meio dos quais é possível desenvolver o pensar e o refletir, criando um espaço de partilha de sentimentos e de muito diálogo.

Voltando às entrevistas, também foi investigado como a Gestão Escolar trabalha com as professoras nos casos que envolvem demandas sobre sexualidade. As participantes apresentaram respostas conforme grupos abaixo:

GRUPO 1- Sem apoio e abertura da Gestão escolar:

Acredito que a escola esteja aberta²⁰ (Informação verbal).

Foi tranquilo²¹ (Informação verbal).

¹⁹ Caroline Arcari é escritora, pedagoga, mestra em Educação Sexual pela UNESP e proprietária da Editora Caqui. Pesquisadora na área de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes, é criadora dos personagens PIPO E FIFI que ensinam sobre a proteção contra violência sexual.

²⁰ Citação oral proferida pela professora 1. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

²¹ Citação oral proferida pela professora 2. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

Chamei a coordenação para assistir a conversa [professora e aluna]. Depois disso, fui orientada e ficar de olho nas crianças e se precisasse de ajuda, eu poderia chama-la²² (Informação verbal).

Se eu precisar um dia, terei orientação, porque a escola aborda de forma natural²³ (Informação verbal).

A Gestão escolar está aberta para falar sobre a temática com os profissionais²⁴ (Informação verbal).

GRUPO 2- Não sente respaldo e investimento em formação proveniente da Gestão:

A escola não possui nem material, nem oferece cursos na área para nossa preparação²⁵ (Informação verbal).

GRUPO 3- Não souberam responder:

Três profissionais não souberam avaliar a postura da escola diante da temática, e não apresentaram justificativas ou comentários.

GRUPO 4- Apenas uma participante apresenta posicionamento pessoal, trazendo seus valores e não respondendo à pergunta da entrevista:

Pensando na faixa etária de alunos até 12 anos, sou a favor de a escola ter um curso para pais. Orientar os pais como conversar e ser próximos a seus filhos. Cursos em reunião de pais por exemplo. Pois, se eu fosse uma mãe e percebesse que meu filho(a) ainda não estivesse maduro o suficiente para tal assunto e a escola falasse simplesmente porque está na grade curricular eu não iria gostar. Porém se fosse ao contrário, eu como mãe percebesse meu filho(a) precisando dessa conversa eu teria todo o cuidado e abertura para falar com ele(a) e não iria cobrar que a escola abordasse tal assunto. Por isso, sou a favor de um curso para pais, para eles conhecerem seus filhos (não acho que isso seja

²² Citação oral proferida pela professora 7. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

²³ Citação oral proferida pela professora 8. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

²⁴ Citação oral proferida pela professora 10. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

²⁵ Citação oral proferida pela professora 9. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

papel da escola) nessa faixa etária que trabalho. Porém quando chegar a idade de aprender sobre reprodução/ corpo humano, usando a biologia e já com pais preparados e ativos em conversas com seus filhos o assunto deixaria de ser tabu²⁶ (Informação verbal).

Silva e Tunice (2019) apontam para a necessidade da escola organizar e aplicar o currículo escolar de forma a construir espaços para atender as demandas que envolvem a Educação Sexual. Assim, a organização curricular, tarefa liderada pela Gestão escolar, deve ir além da visão tradicional das disciplinas formais, considerando a existência de conteúdos diversos que podem surgir conforme ano ou ciclo escolar, promovendo a articulação entre as aulas por intermédio de estratégias que busquem desenvolver o aluno em sua totalidade ao mesmo tempo em que promove a visão social do trabalho da instituição, uma vez que esta participa de sucessivas transformações sociais. (Pesente & Medeiros, 2006).

Conforme Ribeiro (2002) expressa, os educandos muitas vezes trazem para a escola, dúvidas, angústias e ilusões que levam a uma visão deturpada do sexo e da sexualidade. Neste sentido é a escola que assegura o local apropriado para o esclarecimento dos alunos, de modo que possam assimilar novos conceitos e elaborar suas ansiedades, medos e culpas, “[...] a escola está sendo a instituição mais indicada pelas autoridades educacionais, pelos especialistas e pela sociedade em geral como sendo o campo fértil e ideal para se dar orientação sexual.” (Ribeiro, 1990, p.31).

Silva e Tunice (2019) também defendem que um dos papéis mais importantes da Gestão escolar mediante a Educação Sexual é auxiliar o trabalho da família, orientando, mostrando as razões pelas quais a Educação Sexual se faz necessária, compartilhando diferentes pontos de vista, pautados na ciência da educação e no respeito à individualidade.

Ponderar sobre o papel da Gestão escolar frente a Educação Sexual faz-se de extrema importância diante da construção de um ambiente de respeito, tendo em vista o multiculturalismo do ambiente escolar, apontam Silva e Tunice (2019). Os autores ainda alertam que a ausência do envolvimento e de respaldo da Gestão no acompanhamento de um trabalho voltado para a Educação Sexual pode ocasionar dificuldades escolares enfrentadas por alunos e professores.

Contudo, Leão (2018) nos lembra que, da mesma forma como refletimos sobre a formação de professores, cabe a nós também refletir sobre a formação dos Gestores escolares,

²⁶ Citação oral proferida pela professora 6. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

os quais podem apresentar dificuldades para abordar a sexualidade. Investir na formação dos gestores dá suporte a eles para que implementem, incentivem, monitorem e realizem mediações frente a projetos de Educação Sexual nas escolas, ao fazê-lo, será visto como figura auxiliar e de respaldo para o professor.

Em uma pesquisa com gestoras realizada por Leão (2018), em uma cidade do interior de São Paulo, foi realizado um levantamento dos principais temas com os quais elas sentiam dificuldades em atuar, das quais apareceram como resultados: masturbação em sala de aula, troca de carícias entre alunos, perguntas sobre sexo, homofobia, as participantes ainda relataram a existência de brincadeiras de natureza sexual. Estas mesmas gestoras ainda apontaram na pesquisa a dificuldade em lidar com gravidez na adolescência, a autora complementa dizendo que a dificuldade destas participantes está ligada ao fato de que elas não tiveram contato com informações que lhe oferecem respaldo, para uma ação intermediadora e educativa. Além disso, nessa mesma pesquisa foi observado que as gestoras participantes temem as respostas das famílias em relação as atividades de Educação Sexual nas escolas.

Por conseguinte, espera-se a abertura da Gestão escolar para discutir assuntos relacionados à sexualidade, assim como o preparo da equipe pedagógica, assegurando que sejam respeitados os valores de toda a comunidade escolar, prezando pela construção de um ambiente sem preconceitos. Para tanto, é necessário também investir na formação deste Gestor possibilitando à ele perceber as necessidades da Educação Sexual na escola e o acesso à instrumentos que poderão trazer suporte para que este trabalho seja colocado em prática.

Sendo um de seus papéis o assessoramento à equipe pedagógica, ao embasar-se na teoria e no conhecimento científico, será mais fácil para o Gestor executar articulações entre questões sociopolíticas e as questões que envolve a sexualidade. Ao desenvolver tal ação, é construído um vínculo de confiança, que faz com que gestão e equipe são aliadas, desenvolvendo o papel de parceria frente a temática aqui debatida. (Bulzoni, 2017).

Ainda, frente aos objetivos desta pesquisa, examinamos também como pais e familiares reagem quando se faz necessário o trabalho de Educação Sexual na escola. Souza e Milani (2020) apontam que, na maioria das vezes, pais veem a sexualidade como algo unicamente íntimo e ligado somente ao ato sexual, e por esta razão, acabam por reprimir crianças e adolescentes de falarem sobre a temática, sendo o assunto causador de conflitos familiares e também com a escola, quando esta apresenta a demanda.

Figueiró (2009a) discute que, dentre os motivos que despertam temor em muitos pais diante da possibilidade de falar sobre sexualidade no ambiente escolar, consiste no fato de que alguns acreditam que professores irão passar ou desconstruir valores importantes para a família.

Bulzoni (2017) reflete sobre o fato de que por meio da família a criança terá o primeiro contato com questões sexuais. A partir daí serão criadas as regras e normas que constituirão, a longo prazo, um significado. Esta experiência é inevitável, seja de forma aberta, por meio do diálogo, seja ela por meio do silêncio.

Entre as participantes dessa pesquisa, cinco professoras nunca precisaram abordar a temática com os pais de seus alunos, contudo entendem que é um trabalho que deve ser realizado com cautela. A professora 7 traz a experiência do diálogo, apresentando uma família preocupada e aberta: “Foi bem difícil, principalmente para mim... Os pais sempre questionam muito e perguntam como podem ajudar” (Informação verbal)²⁷.

Três educadoras trouxeram a repreensão, a negação e a dificuldade em estabelecer um diálogo com os pais, trabalhando em parceria:

A reação geralmente é exacerbada, tendendo a proibir as crianças ou tolher sua curiosidade taxando o assunto como errado e proibido²⁸ (Informação verbal).

Nesse único caso que presenciei os pais ficaram muito sem graça, só falaram que deveriam trancar a porta do quarto. Porém no outro dia, a mãe marcou um horário comigo e se abriu dizendo que realmente sua filha tinha pego os pais em momentos de intimidades e eles acharam que tinham conseguido disfarçar. Falou que achava desnecessário falar do assunto acontecido com a filha devido a idade da menina e falou que teria mais cuidado e quando necessário explicar algo para a filha como fez falando em “brincadeiras de adulto” ela ia tentar fazer como eu fiz: levar o assunto para a realidade da filha comparando com coisas que ela vivia (como dei o exemplo a faca que era coisa que o adulto podia manusear e criança não) para ficar mais claro na cabecinha de sua filha²⁹ (Informação verbal).

²⁷ Citação oral proferida pela professora 7. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

²⁸ Citação oral proferida pela professora 4. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

²⁹ Citação oral proferida pela professora 6. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

Para os pais a Educação Sexual é vista como um tabu, para eles o tema está relacionado apenas com o ato sexual³⁰. (Informação verbal).

Nessas falas, fica evidente a insegurança e a preocupação das educadoras diante da necessidade de envolver os pais ao trabalhar com assuntos que envolvem a sexualidade. Não são raros os relatos de experiências de professores que não foram bem interpretados ao trabalharem com temas da sexualidade, Turk et.al (2015, p. 20140) esclarecem que “muitos pais e professores acreditam que, ao se trabalhar sexualidade com seus filhos e alunos, poderá despertá-los para os assuntos que remetem a sexo e que, até aquele momento, os jovens não pensavam sobre eles”. Vilaça (2008, p.17) corrobora:

Os mitos e medos dos pais e as preocupações em relação à educação sexual identificados no estudo exploratório como uma barreira à implementação da educação sexual – por um lado, os pais pensarem que a educação sexual é apenas falar de sexo, encoraja o início das relações sexuais e é exclusivamente da responsabilidade dos pais e, por outro lado, a preocupação dos professores que os pais não participem nas actividades que acontecem na escola e não colaborem nas actividades que os alunos levam para casa – continuou a fazer-se sentir no fim do projecto, embora numa percentagem mais reduzida de professores.

Em um estudo com crianças e pais realizado por Ribeiro (2011), percebeu-se que existem famílias mais abertas e flexíveis, que conversam sobre temas da sexualidade entre si, assim como existem outras famílias que não o fazem por falta de tempo, por constrangimento ou por pensarem que seu/sua filho/a é ingênuo/a para compreender o assunto, e por isso tentam criar um ambiente de proteção. A autora defende que este olhar parte do princípio de que as crianças são inocentes e assexuadas. Contudo, ao deixarem de falar ou a não permitirem que seja colocada em pauta a temática, eles podem passar a errônea imagem à criança de que ela deve ter vergonha de falar sobre a sexualidade, que ela não pode se expressar sobre seu próprio corpo, que ela deve se conter frente as exigências da sociedade.

Louro (1997) explica que, principalmente nos anos das séries iniciais, a família dos estudantes estão, frequentemente, mais atentas e envolvidas com as práticas da escola, seja para

³⁰ Citação oral proferida pela professora 10. Entrevista realizada em 2019 por Aline Patrícia de Souza.

avaliar atividades pedagógicas, matriz curricular ou questões administrativas. Isso faz com que os olhares ficam mais direcionados aos assuntos abordados e, ao trazer em pauta questões que envolvem sexualidade, as concepções sobre o tema se divergem e resultam em conflitos, podendo a família enxergar a escola neste momento, como parceira ou opositora, dependendo de suas crenças morais e/ou religiosas.

É essencial que exista o preparo daqueles que se colocam no papel de ensinar, a partir da compreensão da formação do ser humano. Aqui, trazemos para reflexão o quanto é inegável a importância de conhecer sobre as fases presenciadas desde a infância (como a exibição dos órgãos sexuais, as brincadeiras corporais a descoberta do corpo do outro), com todo o seu significado social e histórico e durante o decorrer da vida do indivíduo as quais constroem sua sexualidade biológica e psicossocial. (Leão & Ribeiro, 2013). Tais conhecimentos junto ao conhecimento teórico-científico a respeito do desenvolvimento e etapas da vida, permitem que o educador se aproprie de elementos e premissas que lhe trarão mais segurança em lidar com demandas emergentes ou, ainda, em criar situações de aprendizagem e troca de ideias frente a sexualidade. (Leite & Maio, 2013). À vista destas informações, percebemos o quanto é necessário transformar a escola em um espaço para debate sobre Educação Sexual, acolhendo pais, alunos e educadores.

5.1 O antes e o depois das oficinas: Insights sobre o processo de formação

No primeiro encontro com as professoras, a primeira dinâmica consistiu em dar continuidade na investigação da compreensão sobre sexualidade do grupo antes de começar a troca de experiências e a partilha de materiais teóricos a fim de comparar o que já sabiam com o que aprenderam. A atividade era simples, cada educadora foi convidada a responder a seguinte pergunta: “Para você, o que é sexualidade”?

A professora 1 deu a seguinte resposta: “Sexualidade não é apenas sexo e gênero, mas sim identidade, consciência entre o que eu quero e o que não quero, saber o que é abuso e o que é sexo com respeito. Trabalhar sexualidade é conscientização” (informação verbal)³¹. A professora 2 disse que “Para mim, sexualidade envolve não só o ato sexual, mas também as manifestações de interesse por outra pessoa, a verbalização de certos assuntos e expressões corporais” (Informação verbal)³². A professora 3 afirmou que “São os comportamentos

³¹ Citação oral proferida pela professora 1 durante oficina realizada em 2019.

³² Citação oral proferida pela professora 2 durante oficina realizada em 2019.

relacionados ao desejo sexual” (Informação verbal)³³. A professora 4 disse: “Começa com o conhecimento do próprio corpo e vem acompanhada da curiosidade sobre o corpo do outro. Tem relação com o amor, com seus pais, sua relação com pai e mãe” (Informação verbal)³⁴. Por sua vez, a professora 5 explicou que:

São questões ligadas ao desenvolvimento biológico e fisiológico, bem como ao emocional dos indivíduos. Eu vejo a sexualidade como uma parte do ser humano, nem mais nem menos importante que outra, porém tenho receio de abordar o assunto com crianças, por preocupação da repercussão com as famílias e por não saber ao certo o que a escola espera que façamos em relação a esse assunto. Devemos sanar as curiosidades de forma lúdica? De forma objetiva? Seguindo algum princípio moral e ético? Seguindo algum outro manual? Devemos ser naturais? Devemos evitar o assunto? (Informação verbal)³⁵.

A professora 6 disse:

Para mim é algo muito amplo que vai desde assuntos internos (como acontece a reprodução) como externos (o ato sexual, desejos, métodos contraceptivos). E a partir do momento em que vamos descobrindo nosso corpo os desejos e novas sensações vão aparecendo. E por pensar assim, a sexualidade sempre estará presente na nossa vida, desde as crianças bem pequenas que ao tocar-se, sem querer, sentem uma sensação boa e quer que isso aconteça mais vezes até a curiosidade que vem devido a hormônios e/ou conversas que surgiram, coisas que assistiram. E às vezes coisas que esconderam despertando maior curiosidade. Sexualidade é algo que deve ser trabalhado de maneira natural e leve, e com muito cuidado com a faixa etária das crianças (Informação verbal).³⁶

A professora 7 explica que “Sexualidade é o conjunto de característica que determina o sexo do indivíduo. Pode ser relacionado a características internas e externas” (Informação verbal)³⁷. A professora 8 diz o seguinte:

³³ Citação oral proferida pela professora 3 durante oficina realizada em 2019.

³⁴ Citação oral proferida pela professora 4 durante oficina realizada em 2019.

³⁵ Citação oral proferida pela professora 5 durante oficina realizada em 2019.

³⁶ Citação oral proferida pela professora 6 durante oficina realizada em 2019.

³⁷ Citação oral proferida pela professora 7 durante oficina realizada em 2019.

Para mim é um termo que abrange muitas coisas, não há uma definição. Dentro da sexualidade estão os gêneros, e prazeres que descobrimos durante a vida, independente de falar sobre sexo. É onde o indivíduo está se descobrindo (Informação verbal)³⁸.

A professora 9 alega: “Para mim é o estudo do desenvolvimento da criança em relação ao seu descobrimento e à escolhas daquilo que ela vai gostar durante a vida conforme cresce em relação ao seu próprio sexo” (Informação verbal)³⁹, e a professora 10 explica que “A sexualidade é tudo aquilo que somos capazes de sentir e expressar” (Informação verbal)⁴⁰.

A partir das respostas obtidas, observamos a importância das professoras conhecerem mais a respeito do significado e amplitude da sexualidade. Poucas se aventuraram a refletir mais sobre suas concepções relacionadas ao tema enquanto que a maioria, timidamente, compartilhou de seus pensamentos. Deixamos claro aqui, que tais percepções não tem caráter avaliativo frente a capacidade de atuação profissional, mas sim de análise diante da formação destas educadoras, resultado da ausência do ensino sobre Educação Sexual nos cursos de licenciatura, o qual todas tiveram acesso à licenciatura, mas não à Educação Sexual.

Em um trabalho semelhante com alunos do curso de Pedagogia, Leão e Ribeiro (2013) realizaram um levantamento sobre o quanto os futuros profissionais da educação consideram-se informados sobre a sexualidade e, dentre os tópicos apontados, o tema “sexualidade na infância” teve grande índice de participantes que se avaliaram como pouco ou nada informados. Diante de tais respostas, os autores chamam a atenção para o fato de que essas pessoas estarão atuando na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, logo este era um dos primeiros temas dos quais deveriam estar mais inteirados, uma vez que os alunos que se encontram nestas etapas apresentam comportamentos, curiosidades e fazem perguntas e brincadeiras de cunho sexual, diante das quais o professor estará envolvido na argumentação delas.

Vale lembrar que, além das preocupações relativas à formação do professor, quando investigamos o significado da sexualidade para cada participante, estamos indo além do conhecimento oferecido pela graduação. Estamos lidando com preocupações e significados do professor sobre si mesmo e suas próprias concepções sobre a sexualidade.

Embora a proposta de refletir sobre si mesmo pareça de fácil execução, a prática traz desafios maiores que vão desde a carência de informações apropriadas durante a

³⁸ Citação oral proferida pela professora 8 durante oficina realizada em 2019.

³⁹ Citação oral proferida pela professora 9 durante oficina realizada em 2019.

⁴⁰ Citação oral proferida pela professora 10 durante oficina realizada em 2019.

formação do professor e a falta de materiais que instrumentarão a prática profissional até a impossibilidade de acessar ou participar de espaços reflexivos para desconstruir preconceitos e desenvolver postura crítica e reformulação de atitudes frente ao sexo, revendo tabus para ser capaz de tratar com naturalidade as questões sexuais dos alunos. (Souza, Milani & Ribeiro, 2020, p.102).

No segundo encontro, trouxemos à tona a história da sexualidade, discutindo os discursos de Foucault, que surgiram em um momento sócio-histórico de controle social e político no qual a sexualidade era relacionada ao poder, uma vez que o sexo era regulamentado pelo Estado, pelas elites e pela Igreja. Refletimos sobre os aspectos culturais à luz da história da sexualidade na Roma e na Grécia, passando pela Inquisição espanhola e chegando ao Brasil desde o seu descobrimento, período de colonização, ditadura, até chegar aos dias atuais. Analisamos os avanços e retrocessos presenciados e todo o contexto de valores morais envolvidos.

As educadoras mostraram-se curiosas sobre os fatos históricos, fizeram brincadeiras sobre as imagens de objetos (pratos, vasos, quadros) da época que foram apresentadas e, pouco a pouco, os valores morais tornaram-se tema central das discussões, despertando reflexões pessoais e profissionais nas participantes.

Como professora eu entendo que é necessário falar sobre sexualidade, porém como mãe até hoje eu me questionava sobre se eu deveria falar com minha filha a respeito ou se a escola deveria fazê-lo. Sentia que era tão privado, tenho medo de que seja apresentado à ela assuntos que não são compatíveis à idade. Agora, vendo tudo isso da Grécia e da Roma, me identifiquei em tanta coisa⁴¹ (Informação verbal).

Ao se posicionar como mãe, a educadora despertou o debate sobre como os pais lidam com o assunto e o quanto estão prontos para ouvir e falar sobre sexualidade.

Penso que se os pais optam em não querer que a escola fale sobre sexualidade é no sentido de proteger as crianças, eu também sou mãe, mas todas as vezes que fui chamada na escola, a forma como a informação foi passada para mim, fez toda a

⁴¹ Citação oral proferida pela professora 5 durante oficina realizada em 2019.

diferença. Talvez, a forma como é passada a informação pode fazer os pais ficarem ao lado da escola⁴² (Informação verbal).

Em face a estas falas das educadoras, que neste momento saíam de seu papel de professoras e entravam no papel de mães, compartilhando seus sentimentos com o grupo, citamos Leão e Ribeiro (2013) que discorrem sobre a preocupação e o medo de que trabalhar a Educação Sexual irá fazer com que a criança venha a perder sua inocência, por esta razão a sexualidade infantil acaba por ser omitida.

A fala da Professora 2 aponta para a importância da apropriação do conhecimento para trabalhar temas de sexualidade com alunos e pais. É importante compreendermos quais razões fazem com que os pais adotem tais posturas que, em sua maioria, apresentam o caráter de superproteção: eis aí um fato que também devemos usar a nosso favor nas intervenções realizadas. A exemplo disso, Leão e Ribeiro (2013) problematizam os casos de violência sexual enfatizando que, para a criança diferenciar entre um ato de amor e o abuso, ela precisa, antes de tudo, ter acesso à informações sobre o seu corpo para, a partir daí, identificar o ato de violência e ter iniciativa e segurança para buscar ajuda.

[...] se o sexo é um assunto proibido, considerado tabu, se os pais e educadores se omitem a tratá-lo, o segredo sobre as questões de sexualidade favorece o abusador, o qual depende justamente do segredo para perpetuar um ato de violência contra elas. (Leão & Ribeiro, 2013, p. 611).

Ao conhecerem a história e o percurso da sexualidade, as educadoras desenvolveram insights sobre suas próprias concepções e questionaram valores e tabus construídos ao longo do tempo reconhecendo-os como fruto de regras sociais construídas por interesses sociopolíticos. Encerramos o encontro concluindo que, para superar a repressão do tema, precisamos seguir caminhos que aspirem à reconstrução de significados.

Para a terceira oficina, convidamos um biólogo⁴³ para abordar os temas: Sexo, Identidade de gênero e Orientação Sexual. O qual apresentou os conceitos da seguinte forma:

⁴² Citação oral proferida pela professora 2 durante oficina realizada em 2019.

⁴³ Lucas Périco é biólogo, pedagogo e mestrando em Educação Sexual, professor da rede pública e educador sexual nas redes sociais.

Para a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos. (Jesus, 2012, p. 8).

Também foi apresentada a seguinte abordagem:

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. (Jesus, 2012, p. 12)

Após esmiuçar cada um destes termos, nosso convidado trouxe dicas de como evitar na escola, o reforço equivocado do que é ser homem e ser mulher, características estas preestabelecidas pela sociedade, apontando para a prática de atividades que não enfatizam o gênero. Como parte da oficina, as professoras foram convidadas a refletir sobre um dos cartazes da sala de aula em que estávamos, no qual estavam escritas informações sobre a quantidade de meninas e meninos, sendo incentivadas a pensarem em formas de trabalhar as habilidades requeridas naquela atividade sem no entanto, classificar as crianças conforme sexo. Foram orientadas de que, ao invés de perguntarem quantas meninas ou quantos meninos estudam nesta sala, devem fazer perguntas como: Quantas crianças usam cabelo curto ou quantas crianças usam cabelo longo; Quantas crianças estão vestindo shorts e quantas crianças estão vestindo calças; Entre outras perguntas deste segmento.

A reflexão despertou um momento de tomada de consciência:

Eu nunca tinha pensado nisso, sempre fiz fila de meninas e de meninos para ir à outro local da escola, contagem de meninos e meninas para atividades de matemática e assim por diante⁴⁴... (Informação verbal).

⁴⁴ Citação oral proferida pela professora 9 durante oficina realizada em 2019.

Tivemos bastante interação e várias perguntas, no final do encontro, as professoras estavam muito envolvidas com o tema e com o facilitador.

Já na quarta oficina, tínhamos por objetivo apresentar a sexualidade como parte do desenvolvimento humano. Recorrendo às contribuições da Neurociências⁴⁵ e da Neurobiologia, vimos que, desde o nascimento, com a formação do cérebro ainda no útero da mãe, se inicia a produção dos hormônios progesterona e testosterona. Em seguida, falamos sobre as fases do desenvolvimento sexual segundo Freud, partindo da compreensão do conceito de libido para as fases oral, anal, fálica, período de latência e fase genital.

Estabelecemos o conceito da libido como uma força quantitativamente variável que poderia medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim lhe conferimos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que os processos sexuais do organismo diferenciam-se dos processos de nutrição por uma química especial. A análise das perversões e das psiconeuroses levou-nos à compreensão de que essa excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo (Freud, 2006, p 205).

Por meio das informações trocadas foi possível compreender o que esperar das crianças em cada faixa etária, observando comportamentos comuns para determinada idade e entendendo como e porque eles acontecem. Esse tema despertou vários insights e gerou muitas trocas de experiências. A professora 2 disse: “Eu tive uma aluna que todos os dias na hora do sono ficava com a mão na vagina, mexendo” (Informação verbal)⁴⁶. Já a professora 4 compartilhou o seguinte: “Na minha sala, tenho um aluno que, na hora do sono, quer deitar em cima de uma das amigas, eu perguntei porque ele quer fazer isso e ele me responde que é gostoso, eu disse a ele que isso pode machucar a amiga” (Informação verbal)⁴⁷. A professora 7, por fim, disse “No ano que eu entrei na escola que estou, uma aluna queria beijar o pênis de um dos amigos” (Informação verbal)⁴⁸.

⁴⁵ Os temas abordados foram realizados com base teórica da área de especialização em Neuropsicologia da pesquisadora.

⁴⁶ Citação oral proferida pela professora 2 durante oficina realizada em 2019.

⁴⁷ Citação oral proferida pela professora 4 durante oficina realizada em 2019.

⁴⁸ Citação oral proferida pela professora 7 durante oficina realizada em 2019.

A cada comentário, as professoras eram incentivadas a pensar sobre o que poderia ter motivado os comportamentos das crianças descritas nos relatos das colegas, levando em consideração as reflexões sobre comportamento aprendido e as fases descritas por Freud. Para aclarar e recheiar as discussões, alguns casos clínicos⁴⁹ foram compartilhados e discutidos com as educadoras, bem como as intervenções realizadas neles. Pouco a pouco, fomos construindo uma série de intervenções e soluções possíveis para tais situações quando presenciadas no ambiente escolar.

Nos dois encontros a seguir, o quinto e o sexto, buscou-se refletir sobre a necessidade do investimento na Educação Sexual. Nesse momento foi feito um convite para as participantes analisarem alguns materiais midiáticos, tais como reportagens, posts em redes sociais, outdoors, etc. Para esta atividade analisamos os seguintes materiais:

- 1- Reportagem do site G1: Garota é espancada em SP por ser lésbica. (Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2019/08/01/garota-e-espancada-em-sp-por-ser-lesbica-vai-apanhar-igual-menino.ghtml>).
- 2- Reportagem do site Uol: Violência contra as mulheres no Brasil. (Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2019/02/20/brasil-matou-8-mil-lgbt-desde-1963-governo-dificulta-divulgacao-de-dados.htm>).
- 3- Reportagem do site Exame: Como a desigualdade de gênero afeta a economia. (Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/como-a-desigualdade-de-genero-prejudica-a-economia/>)

Após a leitura dos sites, as professoras foram convidadas a analisarem as imagens a seguir:

⁴⁹ Os casos clínicos vieram de parte da pesquisadora que também atua na área clínica desde 2015 devido à sua formação em psicologia. Dos pacientes trazidos para discussão foram mantidos em sigilo nome da pessoal e quaisquer outras informações que poderiam expor a vida e identidade dos mesmos.

Figura 1: Print de site de rede social:



Fonte: Imagem coletada pela própria pesquisadora no Facebook

Figura 2: Outdoor disponível na Avenida Napoleão Selmi Dei, cidade Araraquara, ao lado de uma escola de Educação Infantil e Fundamental:



Fonte: Foto tirada pela própria pesquisadora

Figura 3: Figura retirada das redes sociais



Fonte: desconhecida

A tarefa das participantes consistia em analisar os fatos descritos nas reportagens e refletir sobre quais motivos teriam induzido as pessoas a se comportarem conforme descrito, assim como observar as imagens como fonte de conteúdo sobre sexualidade, decorrente do senso comum, carente de Educação Sexual. Depois de analisar o material compartilhado, o grupo chegou às seguintes conclusões:

Ao realizar a Educação Sexual na escola:

- 1- Podemos ensinar o respeito às diferenças e podemos desconstruir o preconceito:** Respeitar as diferenças e aprender a viver em harmonia, sabendo que mesmo que o outro faz uma escolha que não nos agrada, não é preciso segui-lo, mas também não precisa incomodá-lo ou partir para a agressão.
- 2- Podemos ensinar sobre a igualdade entre gêneros e diminuimos as questões de violência contra a mulher:** O grupo concluiu que é possível dentro desta abordagem, discutir sobre machismo e feminismo, trabalhar com a questão de que não existe brincadeiras ou brinquedos de meninos e de meninas e, também, desconstruir a ideia de que ser menina ou mulher não é ser mais fraca que meninos ou homens.
- 3- Podemos ajudar os jovens a se prevenirem e a identificarem situações de violência sexual:** O grupo discorreu que para alunos mais velhos, é possível abordar assuntos referentes às IST, gravidez na adolescência e criar um espaço onde haja abertura para discutir e partilhar suas próprias experiências sexuais, dando oportunidade inclusive para aqueles que passaram por situações de abuso, poderem compartilhar sua angústia.
- 4- Podemos ajudar a influenciar na mudança de visão de mundo:** Ao analisar a imagem 1, as professoras argumentaram de que as crianças tem contato com o machismo desde muito novos. O mesmo acaba por acontecer com as outras temáticas sobre sexualidade.

5- Providenciamos um lugar seguro e de respeito frente a troca de informações: Após discutir sobre a imagem 2, o grupo discorreu que proteger a criança de aprender sobre sexualidade ou tentar esconder que a mesma existe, a criança acaba por descobrir de formas pouco ou nada educativas.

Encerramos o encontro com o desfecho de que a Educação Sexual pode trazer mudanças importantes na vida dos alunos, despertando transformações. Aqui, sentimos que estas transformações estavam sendo vivenciadas, em primeira instância, pelas próprias professoras.

Por sua vez, no sétimo encontro, falamos sobre como trabalhar temáticas da sexualidade nas escolas e refletimos a respeito do material de apoio disponível para educadores. Foi compartilhado com o grupo o material da coleção Pipo e Fifi, e um pouco do trabalho de sua autora. Dentre os tópicos abordados durante o encontro, refletiu-se sobre as discussões do MEC em relação às cartilhas distribuídas nas escolas, as quais já foram motivos de calorosos debates.

Bardi e Campos (2004) chamam a atenção para o uso de materiais disponíveis, realçando a necessidade de, antes de levar à sala de aula, observar para qual faixa etária o mesmo é destinado. As autoras defendem que, quando trabalhamos com crianças, recursos audiovisuais são mais atrativos devido ao estágio de desenvolvimento cognitivo em que o aluno se encontra.

Portanto, se atuamos com crianças pequenas e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, podemos investir no uso de livros coloridos, cartazes, brincadeiras, bonecos, enfim, tudo aquilo que é mais concreto, uma vez que, a partir destas experiências a criança passa a compreender o mundo. Ao trabalhar com alunos mais velhos, além do diálogo e das dinâmicas, os vídeos são bastante atrativos.

Entretanto não basta somente ter material se o professor não sabe utilizá-lo. Nem sempre o material irá trazer as dimensões e diversos significados que fazem parte da sexualidade, por isso o professor deve se preparar antes das intervenções, abordando o conteúdo conforme o momento pede. (Bardi & Campos, 2014).

As participantes chegaram ao consenso de que, ao recorrer a um livro como suporte para abordar temas da sexualidade, é necessário estar junto da criança e não entregar o material para que ela o manuseie sozinha, caso contrário, ela poderá ter mais dúvidas ao invés de saná-las. Concluiu-se também que podemos trabalhar as questões de sexualidade no dia-a-dia, incluindo-as em nossas rotinas ao montar um slide, ao fazer uma dinâmica, durante as rodas de conversa, sempre abordando a temática com respeito, empatia e de forma autêntica.

Teles (1992, p. 7) defende que “os professores encarregados de educação sexual na escola devem ter autenticidade, empatia e respeito [...] cabe à escola preencher lacunas de informações, erradicar preconceitos e possibilitar as discussões das emoções e valores”.

No final desta oficina, as educadoras foram convidadas a relatar quais suas percepções sobre o estudo da sexualidade e de seu percurso histórico, e também como as oficinas estavam contribuindo para sua formação. Perante tais indagações foram apresentadas as seguintes colocações:

Sexualidade não é sobre o sexo em si, mas conversar sobre sexo, gênero e identidade. Para mim estudar a sexualidade é importante, pois só assim nós professores saberemos ajudar e acolher as crianças, ajudando até aqueles que “se sentem diferente” ou aqueles que sofrem abuso sexual⁵⁰ (Informação verbal).

Acho que no começo o sexo e a sexualidade estava sendo visto somente como reprodução, ao conhecer a história da sexualidade, aprendi mais sobre o olhar sobre o corpo e sobre o prazer. Penso que estas oficinas podem me ajudar na vida profissional e pessoal, me fazer pensar mais fora da caixa e perder tabus, me ajudará também a entender melhor um pai ou uma mãe quando vierem questionar algo sobre o assunto⁵¹ (Informação verbal).

Saber mais sobre a sexualidade, permite que eu compreenda algumas crenças e postura que tenho diante minha vida pessoal e agora diante de minha postura profissional. Estabelecer o que é um conceito aprendido por conta da cultura e o que são as minhas próprias opiniões auxilia para que eu possa ter uma postura mais adequada e clara, com menos julgamento frente às crianças⁵² (Informação verbal).

Saber sobre a sexualidade foi importante para refletirmos sobre nossos comportamentos, não apenas instintivos, mas também o que envolve nosso emocional e psicológico. Saber desde a história da sexualidade, nos ajudou a esclarecer como

⁵⁰ Citação oral proferida pela professora 1 durante oficina realizada em 2019.

⁵¹ Citação oral proferida pela professora 3 durante oficina realizada em 2019.

⁵² Citação oral proferida pela professora 4 durante oficina realizada em 2019.

funciona a sexualidade e nos prepara para enfrentar situações cotidianas de sala de aula, sem tabus e com naturalidade⁵³ (Informação verbal).

Nunca parei para pensar na história da sexualidade, porém o que sempre tive acesso é que o sexo está ligado com o poder e a reprodução. Saber sobre a sexualidade irá me ajudar a lidar com situações que antes eram vistas como tabus em sala de aula. Eu como professora, me preparando para lidar com estes assuntos, vou contribuir para um ensino efetivo, sem julgamentos. Também saberei lidar com as dificuldades e reprovação que pais transmitem à seus filhos⁵⁴ (Informação verbal).

Acredito que saber a história da sexualidade e as fases por quais passamos, me dá um direcionamento melhor, contextualizando e me ajudando a conversar com meus alunos de uma forma efetiva, assim sendo, me possibilita fazer uma autorreflexão sobre o meu posicionamento dentro de sala⁵⁵ (Informação verbal).

Confesso que não me recordava sobre meus estudos na faculdade sobre a sexualidade, mas acredito ser importante para sabermos o que é o sexo e quais as diferenças entre os termos, refletir sobre os prazeres e a sedução. Vou levar visões diferentes e aprendizados de como tratar as crianças em determinados momentos de suas vidas. Entendo que sentir o prazer é normal e na escola posso orientar que existem momentos e lugares para o fazer. (Aqui a educadora se referia à manipulação das genitálias observadas em crianças) Saber a história da sexualidade me ajudou a compreender como era no passado e o que ainda mantemos hoje em dia⁵⁶ (Informação verbal).

É importante sabermos sobre a sexualidade para entendermos como alguns de nossos valores são construídos, ajudando a não julgar o outro. Percebi que a sexualidade é vista de formas diferentes ao longo dos tempos e conhecer sua história é necessário para entendermos de onde vem alguns tabus⁵⁷ (Informação verbal).

⁵³ Citação oral proferida pela professora 5 durante oficina realizada em 2019.

⁵⁴ Citação oral proferida pela professora 6 durante oficina realizada em 2019.

⁵⁵ Citação oral proferida pela professora 7 durante oficina realizada em 2019.

⁵⁶ Citação oral proferida pela professora 8 durante oficina realizada em 2019.

⁵⁷ Citação oral proferida pela professora 9 durante oficina realizada em 2019.

Ao saber mais sobre a sexualidade, nós podemos entender melhor o motivo de pais, alunos e até nós mesmos agirmos baseado em tabus. É importante desconstruirmos o que está inserido nas pessoas e com a formação continuada poderemos ajudar. Ao ver a história da sexualidade, deu para saber como as pessoas se comportavam em relação ao sexo e como alguns dos comportamentos do início das sociedades estão presentes até o dia de hoje⁵⁸ (Informação verbal).

Ao compararmos estas respostas com as primeiras do início deste projeto, percebemos o aumento da reflexão sobre a temática, a presença do senso crítico e a assimilação das informações discutidas com a atuação profissional. Ao ler os comentários das participantes, fica claro que a história da sexualidade foi ponto chave para a desconstrução de preconceitos e para a compreensão da temática frente a assuntos atuais⁵⁹. Dentre os autores que usamos para embasar nossos debates sobre a história de sexualidade, recorremos à Ribeiro (2017, pp.7-8), que descreve que a Educação Sexual

[...] enquanto campo que se fundamenta na ciência, na didática e no método possibilita uma compreensão das questões sexuais, além desse senso comum, sua aplicabilidade pode contribuir para que as pessoas se sensibilizem e passem a entender a sexualidade, a partir da desconstrução de tabus, preconceitos e valores enraizados historicamente. [...] a Educação Sexual desenvolvida, a partir do foco na cidadania e no direito, é uma ação pedagógica importante na construção de um caminho para erradicar preconceitos e discriminações, diminuir a violência sexual e de gênero, reconhecer positivamente a diversidade e, enquanto campo de produção de conhecimento sexual, fornecer informações científicas que esclareçam crianças e jovens na escola e as pessoas em geral na sociedade, diminuindo a intensidade de angústias e ansiedade geradas a partir do desconhecimento e da desinformação que confundem e induzem ao erro.

Algumas observações compartilhadas pelas professoras apontam para a análise sobre si mesmas, em um processo de desconstrução e reconstrução de suas próprias crenças e valores. Rena (2001) cita Barbieri (1991) e explica que a compreensão de si mesmo e do outro permite

⁵⁸ Citação oral proferida pela professora 10 durante oficina realizada em 2019.

⁵⁹ Dentre os assuntos discutidos, surgiram debates sobre aspectos políticos que envolvem a repressão da Educação Sexual nas escolas, dentre eles, as discussões sobre identidade de gênero e sobre as críticas realizadas por um deputado, em 2019, ao curso de pós-graduação em Educação Sexual oferecida na UNESP no Campus de Araraquara.

a elaboração e representação dos valores sociais. Mattos, Ferreira e Jabur (2008, p. 4651) complementam dizendo que

O que se espera de uma orientação sexual são respostas honestas e também que ela se abra a novas perguntas, e então descortine horizontes. [...], porque mais do que informar sobre temas da sexualidade a educação sexual implica em um processo de reflexão e formação de conceitos, atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade [...].

Desta forma, entende-se que conforme descreve os PCN (1997), o diálogo e a reflexão possibilitam considerações e ações pautadas no respeito a si mesmo e para com o outro, não somente da parte do aluno, como também provindo do professor, que por sua vez, poderá ser agente de transformação de concepções e princípios, (re)significando valores.

A medida que o grupo foi se integrando e os participantes sentiam-se à vontade para se expressarem, vieram à tona preocupações pessoais e exposição de sentimentos que pareciam estar guardados há algum tempo.

Algo que tocou profundamente o grupo e rendeu muitas reflexões, foi a fala de uma professora: “Eu fui acusada de abusar sexualmente de um aluno, a escola me apoiou muito e fui atrás da família para mostrar que eu não tinha feito nada com e para a criança” (Informação verbal)⁶⁰. A fala foi compartilhada com sentimento de angústia e, posteriormente, de alívio por ter passado por esta fase e por ter conseguido superá-la. Importante ressaltar que, ao discutir sobre abuso sexual institucionalizado, raramente surgem relatos acusando a figura da mulher, sendo este um fato bem peculiar. Em 2020 o Ministério da Mulher, Família e do Direitos Humanos publicou o registro de 17mil casos de violência sexual no ano anterior, as vítimas apresentavam idade entre 12 e 17 anos, tendo como suspeito pessoas do sexo masculino em 87% dos registros. Pensamentos, dúvidas e sentimentos rechearam as discussões do grupo neste dia.

Para finalizar, o oitavo e último encontro teve como objetivo avaliar as condições de análise e percepção das participantes frente a demandas da Educação Sexual, bem como perceber como elas fariam uso da formação realizada durante as oficinas. Para tal, as participantes foram separadas em duplas. Cada dupla recebeu uma folha de papel com um caso descrito. Os casos eram reais, ora tirados da literatura, ora vivenciados pela pesquisadora. O desafio das duplas era resolver a situação problema colocando em prática os aprendizados

⁶⁰ Citação oral proferida pela professora 6 durante oficina realizada em 2019.

conquistados durante as oficinas. As professoras deveriam explicar para o grupo as possíveis causas que desencadearam as situações presenciadas e indicar qual deveria ser a postura a ser adotada naqueles casos.

As situações problemas eram as seguintes:

Caso 1- Rita é professora do Jardim I. Um de seus alunos, todos os dias na hora do sono, sai de sua cama e vai até a cama de Maria, uma das colegas da sala, deitando-se sobre ela. Como podemos proceder? Quais reflexões podemos desenvolver sobre este caso?

Caso 2- Roberta, 8 anos de idade, chega em casa perguntando para a mãe o que é transar. No outro dia a mãe procura a escola porque acredita que a filha está sendo exposta ao assunto em ambiente escolar e não aceita isso. Como proceder nesse caso? Que tipo de orientação podemos dar aos pais?

Caso 3- Em um momento da aula, seus alunos do 2º ano começam a falar que namoram e que vão se casar. Como você trabalha o assunto?

Caso 4- A escola que você trabalha te convida para fazer uma palestra para os pais a fim de falar sobre a importância da Educação Sexual na escola, como você prepara o percurso de sua fala?

Caso 5- Ricardo, 13 anos, te procura para conversar e quer saber como a mulher engravida. O que você faz?

Caso 6- Como podemos trabalhar Educação Sexual com crianças de 3 anos de idade?

Caso 7- Uma mãe te procura para falar que a filha dela de 4 anos, está brincando de “se tocar” com certa frequência em casa. Como você lidaria com esta mãe?

Caso 8- Paulina é filha de uma casal homossexual. Ela sempre compartilha com seus colegas experiências de sua vida, as viagens e as brincadeiras que fazem juntos. Seus alunos ficaram curiosos para saber porque Paulina tem dois pais. Como você pode trabalhar essa curiosidade dos alunos sem romper com os valores da família?

As duplas tiveram um tempo para conversar, entender o caso e pensar em uma solução. Quando foram convidadas a dividir suas conclusões com o grupo, obtivemos boas respostas. Dentre as reflexões apresentadas, as educadoras apontaram para a existência de comportamentos reproduzidos no caso 1, abordaram a importância de conhecer as fases do desenvolvimento segundo Freud frente aos casos 4, 6 e 7, discutiram sobre a importância de envolver e explicar aos pais sobre a sexualidade como parte da nossa vida, abordaram sobre o preparo de materiais lúdicos para realizar a Educação Sexual com crianças pequenas, refletiram sobre a importância do conhecimento da história da sexualidade para compreensão dos valores sociais diante a sexualidade e, ainda, demonstraram compreensão do papel do educador em Educação Sexual nestas situações.

Foi possível observar que cada uma das participantes apresentava compreensões fragmentadas sobre os temas, trazendo para o grupo aquilo que mais lhe tinha feito sentido. No entanto, quando ouviam seus pares, conseguiam tecer comentários que, aos poucos, se aproximavam das reflexões feitas durante as oficinas, apontando soluções possíveis para os casos apresentados e analisando com assertividade os motivos que desencadearam a situação apresentada.

Figueiró (2006) expõe que é papel do professor criar oportunidades de reflexão sobre a sexualidade, contribuindo assim para a formação de opiniões sobre os temas que a constituem. Destarte, acreditamos que as oficinas desenvolveram este mesmo espaço de reflexão, oportunizando a vivência da Educação Sexual destas educadoras que não foi concedida na graduação e, pelos relatos das mesmas, nem mesmo em suas vidas.

Se, no primeiro encontro, tínhamos um grupo tímido, desprovido de informações sobre os temas que permeiam a sexualidade, agora observávamos ali um grupo curioso, argumentador e mais seguro para se posicionar e defender a importância da Educação Sexual no ambiente escolar.

O trabalho desenvolvido promoveu, sobretudo, a possibilidade dessas professoras aprenderem a se posicionar de forma crítica e com autonomia em face das eventuais demandas, oferecendo argumentos para a conclusão a seguir.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa visou estudar sobre a formação dos professores a fim de compreender o quanto eles se encontram preparados para atuar na Educação Sexual, ao mesmo tempo em que buscou verificar sobre a existência e uso de material de apoio pedagógico para a atuação do professor frente as demandas que envolvem sexualidade.

Os resultados aqui obtidos corroboram com estudos realizados anteriormente por outros pesquisadores e apontam para a necessidade de se investir em formação continuada dos professores para atuarem em Educação Sexual.

De início, víamos um distanciamento das profissionais participantes frente ao tema, assim como insegurança para abordar a temática em sala de aula. Mesmo aquelas que se sentiam mais à vontade adotavam a postura de somente tirar dúvidas ou responder às perguntas ao aluno que eventualmente lhe trouxesse alguma questão.

Havia o receio diante da aceitação dos familiares e insegurança mediante respaldo e prontidão da Gestão Escolar para realizar a Educação Sexual. Nenhuma das profissionais tinha preparado um material para trabalhar a demanda emergente ou pensado em um projeto mais amplo com o objetivo de desenvolver a Educação Sexual para os alunos.

Pode-se afirmar que várias das dificuldades apontadas pelas educadoras estavam relacionadas não só à formação acadêmica, mas também ao seu juízo pessoal a respeito da sexualidade.

Claramente, se todas tivessem recebido uma formação que as preparassem para o trabalho em Educação Sexual, muitos dos sentimentos desagradáveis aqui compartilhados poderiam ser amenizados, uma vez que os profissionais estariam melhor preparados para lidar com as situações emergentes. Contudo, a forma como cada um lida com a sexualidade, pode tornar estas tarefas mais fáceis ou mais desafiadoras.

No que diz respeito ao método de pesquisa, concluímos que o uso das entrevistas e das oficinas para este trabalho foi efetivo, pois serviram não só como método de coleta de dados, mas também ofereceu um espaço de acolhimento e partilha, exercendo informações adequadas à problematização que deu origem a esta pesquisa, investigando visões e valores das participantes sobre o tema Sexualidade e, ainda, contribuindo para a formação das mesmas.

Ao compararmos as falas e comportamentos das professoras desde o início dos encontros até o final do trabalho realizado, perceberemos uma evolução no interesse e na

apropriação do assunto. As participações, aos poucos, foram aumentando. As professoras começaram a se abrir mais, contando suas experiências ou fazendo mais perguntas.

Ficou evidente o quanto esses momentos de troca e de reflexão sobre atividades e ações pedagógicas, provocaram mudanças na atuação destas professoras. Como exemplo, a partir do terceiro encontro, presenciamos momentos em que uma educadora lembrava a outra diante de falas que envolviam gênero, mostrando o quanto este encontro foi significativo para elas.

Desta forma, foi possível mergulhar na subjetividade das participantes, permitindo que, além de formar o grupo para a Educação Sexual, fosse possível compreender as ações docentes e coletar informações que estavam além do esperado para esta pesquisa.

Dentre os assuntos discutidos, observou-se a importância do conhecimento da história e dos avanços e retrocessos da sexualidade como aliados importantes na construção do conhecimento do educador, possibilitando a autoanálise e revisão de seus próprios valores, identificando e desconstruindo preconceitos.

Constatamos que, para o desenvolvimento da Educação Sexual na escola, podem ser utilizadas diferentes estratégias que vão desde dinâmicas, confecção de cartazes, roda de conversas, uso de vídeos, reportagens e livros. Ademais, as próprias oficinas mostraram-se ótimo recurso para trabalhar a sexualidade.

Notamos que para estas professoras a utilização de materiais didáticos para suporte em sua atuação é bastante importante, pois sentem que por meio do material poderão adquirir ideias e sugestões de como trabalhar com diferentes faixas etárias. No entanto, observamos também que este é um fator limitante, pois as participantes relatam que há uma carência de materiais adequados.

Pelo fato de que oficinas eram dinâmicas e sempre começavam com uma atividade para descontrair ou preparar o grupo para o tema que seria debatido, discutiu-se a possibilidade de adaptar essas dinâmicas para crianças com as quais as professoras trabalhavam como estratégias de Educação Sexual na sala de aula. Dentre estas estratégias, sempre reforçávamos o caráter lúdico das atividades como instrumento importante para um trabalho efetivo de orientação e aprendizagem, sendo parte de uma pedagogia multidisciplinar que permite maior expressão e interação entre professor, alunos e tema de discussão.

No que diz respeito ao papel da escola diante da Educação Sexual, percebemos a carência destas professoras de apoio da instituição para abordar a sexualidade. Essa carência parece estar ligada à falta de apoio da gestão junto ao receio da má interpretação dos pais frente ao trabalho com a temática.

Ressaltamos que é papel da escola desenvolver a equalização social, o senso crítico e o combate ao preconceito, promovendo um ambiente de respeito e acolhimento entre todos que fazem parte da comunidade escolar. Também é dever da escola estimular a formação do professor e fornecer a ele condições e recursos para o processo de ensino-aprendizagem.

Ao falar de formação em Educação Sexual, esta formação, deve estar voltada para todos os educadores, inclusive àqueles da Gestão Escolar, que por sua vez, devem articular a diversidade dentro do viés pedagógico, garantir o bom desenvolvimento social e do clima de toda a instituição, contribuir para a solução de problemas e dar suporte ao professor no sentido de guia-lo.

Durante os debates, concluiu-se que antes de tudo, é importante compreender que a dificuldade da escola e dos familiares de entender a importância de se falar sobre sexualidade fundamenta-se nos seguintes pressupostos:

- 1- As crianças são vistas como seres inocentes e assexuados;
- 2- Existe o temor de que ao falar sobre sexualidade na escola estaremos despertando os alunos para o sexo;
- 3- Existe uma falha na comunicação entre alunos e professores assim como entre pais e filhos, resultante do embaraço dos adultos em falar do que entendem ser íntimo, uma vez que, no senso comum, sexo, sexualidade e ato sexual se confundem.

No entanto, o grupo compreendeu por que é importante que os pais sejam envolvidos, esclarecidos e também orientados quando o professor identifica a necessidade de realizar uma intervenção, ou dá início a um projeto sobre Educação Sexual.

Entendemos que para efetivar a Educação Sexual na escola deve-se considerar a individualidade de cada sujeito e sua constituição cultural, pois assim poderá ser realizado um trabalho pluralista que reconheça os diferentes valores e concepções de se viver à sexualidade, com a consciência de que tais valores são (re)construídos a todo momento exigindo a plasticidade daqueles que se dispõem a realizar este trabalho, neste caso os educadores. Por essa razão, investir em formação continuada proporciona uma constante reflexão sobre tais aspectos.

No tocante a formação, é válido ponderar também que os profissionais de outras áreas além da educação, que estão junto às secretarias ou em parceria com a escola, também desenvolvem trabalhos de Educação Sexual. Além dos cursos de Pedagogia, é preciso sensibilizar instituições de ensino superior que formam enfermeiros, psicólogos, médicos,

fisioterapeutas, médicos e assistentes sociais, por exemplo, para trazerem a Educação Sexual para seus currículos, uma vez que estas áreas se entrelaçam e coexistem.

Por fim, concluímos que a formação continuada em Educação Sexual deve estar disponível para todos os profissionais que atuam na educação, seja ela de caráter formal ou informal. Deve ser uma experiência transformadora, voluntária e contínua, que permite novas reflexões e questionamentos estimulando o educador a evoluir no sentido técnico, ético e comportamental.

REFERÊNCIAS

Alvarez, G. (2017). *Ensino de gênero e orientação sexual é retirado da Base Curricular Nacional*. Rede TVT. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wOUTpsNehOc>>. Acesso em: 10 ago 2019.

Alves, Z. M. M. B., & Silva, M. H. G. F. D. (1992). Análise Qualitativa de Dados de Entrevista: uma proposta. *Revista Paidéia*, FFCLRP – USP, Ribeirão Preto, v. 2. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/n2/07.pdf>>. Acesso em: 10 ago 2019.

Anami, L. F., & Figueiró, M. N. D. (2009). Interação família-escola na educação sexual: reflexões a partir de um incidente. *Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns*, pp 87-112. Org. Mary Neide Damico Figueiró. Londrina: UEL.

André, M. (2001). Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. III Seminário de Pesquisa em Educação – Região do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. *Cadernos de pesquisa*, n. 113, pp. 51-64.

André, M. (2013) O que é um estudo de caso qualitativo em educação? *Revista Educação e Contemporaneidade*, FAEEBA, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103. Disponível em: <http://www.mnemos.unir.br/uploads/13131313/arquivos/Marli_Andr_O_que_um_Estudo_de_Caso_417601789.pdf>. Acesso em: 20 jan 2021.

Bardi, J., & Campos, L. M. L. (2004). *Produção de Materiais didáticos para temas de orientação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista – Campus Bauru - SP, pp. 900-911. Disponível em: <<https://www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo10/producaodemateriaisdidaticos.pdf>>. Acesso em: 12 jan 2021

Bedin, R. C. (2016). *A história do núcleo de estudos da sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP*. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.

Bernardes, C. D. (2019). Metodologia de ensino: espaços escolares, acadêmicos e profissionais. In: *Carolina Donega Bernardes & Patrícia Rodrigues Miziara Papa* – Ribeirão Preto: Organização Educacional Barão de Mauá.

Bonfim, C. (2012). *Desnudando a Educação Sexual*. Campinas, SP, Papirus Editora.

Brandão, C.R. (2007). *O que é educação*. São Paulo – SP, Editora Brasiliense.

Brasil. (1996). *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, seção 1, Brasília -DF.

Brasil. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: SEF/MEC.

Brasil. (2000). *Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: SEF/MEC.

Brasil. (2007). Decreto nº 6.286 de 05 de dezembro de 2007. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF.

Brasil. (2014). *Lei nº 13.005 de 25 de junho de 2014*. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/17-cooperacao-federativa/31-base-legal>>. Acesso em 02 set 2018.

Brasil. (2016). *Base Nacional Curricular Comum: documento preliminar*. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental.

Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 10 ago 2019.

Brasil. (2017). *Base Nacional Curricular Comum: educação é a base*. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf>. Acesso em: 10 ago 2019.

Brasil. (2018). *Programa Saúde na Escola. Ministério da Educação*. Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/par/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/14578-programa-saude-nas-escolas>>. Acesso em: 10 ago 2019.

Brigeiro, M., & Maksud, I. (2009). Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. *Revista Estudos Feministas*, v. 17, n. 1, pp. 71-88. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100005>>. Acesso em: 20 dez 2020.

Brittos, E. S., Santos, A. B., & Gagliotto, G. M. (2013). A importância da educação sexual na formação de professores: o projeto laboratório de educação sexual adolecer e a intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar. *III Simpósio Internacional de Educação Sexual*, Maringá – PR, pp. 01-16.

Bueno, R. C. P., & Ribeiro, P. R. M. (2018). História da educação sexual no Brasil: Apontamentos para reflexão. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 29, n.1, pp. 49-56. Disponível em: <<https://doi.org/10.35919/rbsh.v29i1.41>>. Acesso em: 02 jan de 2021.

Bulzoni, A. M. M. (2017). *Gestor Escolar: Sua influência na construção do projeto político pedagógico no que tange a educação sexual*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara – SP.

Chauí, M., Kehl, M. R., & Werebe, M. J. (1981). Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? *Cadernos de Pesquisa*, nº 36, pp. 99-110. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/educacao%20sexual.doc>>. Acesso em 20 ago 2020.

Dias, A. C. G., & Gomes, W. B. (2000). Conversas, em família, sobre sexualidade e gravidez na adolescência: percepção das jovens gestantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n. 1, pp. 109-125. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000100013>>. Acesso em 11 ago 2020.

Egypto, A. C. (2003). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. São Paulo - SP, Editora Cortez.

Felipe, J. (2010). A erotização dos corpos infantis. *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*, ed. 5, pp. 53-65. Org. Louro, G. L., Felipe, J., & Goellner, S.V. Petrópolis, RJ, Editora Vozes.

Ferreira, A. B. H. (1999). *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Nova Fronteira – RJ.

Figueiró, M. N. D. (2006). Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. *Revista Linhas*, v. 7, n. 1, Florianópolis – SC. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1323>>. Acesso em: 21 abril 2020.

Figueiró, M. N. D. (2009a). Educação Sexual: Como ensinar no espaço da escola. *Educação Sexual: Múltiplos temas, compromisso comum*, pp. 141-172. Org. Mary Neide Damico Figueiró, Londrina – PR, Universidade Estadual de Londrina.

Figueiró, M. N. D. (2009b). Sexualidade e afetividade: Implicações do processo de formação do educando. *Educação Sexual: em busca de mudanças*. Org. Mary Neide Damico Figueiró, Londrina – PR, Universidade Estadual de Londrina.

Figueiró, M. N. D. (2017). *O que é Educação Sexual*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1_YzXUrL6Ls>. Acesso em: 10 ago 2020.

Foucault, M. (1985). *História da sexualidade: o cuidado de si*. Ed. 10, Rio de Janeiro – RJ, Editora Graal.

Freire, P. (2004). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Ed. 30, São Paulo – SP, Editora Paz e Terra.

Freud, S. (2006). Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos. 1901-1905. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 8, Rio de Janeiro – RJ, Editora Imago.

Gatti, B. A. (2008). Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/06.pdf>>. Acesso em 20 mar 2020.

Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Ed. 4, São Paulo – SP, Editora Atlas.

Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa, tipos fundamentais. *Revista de administração de empresas*, v. 35, n. 3, pp. 20-29. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>>. Acesso em: 10 ago 2020.

Goellner, S. (2015). (Re) pensando entendimentos, articulações e possibilidades. *Revista Diversidade e Educação*, v. 3, n. 5, pp. 04-07. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/6361/4066>>. Acesso em: 10 ago 2020.

Heilborn, M. L. et al (2008). *Gravidez na adolescência e sexualidade: Uma conversa franca com educadores*. Rio de Janeiro – RJ, Editora CEPESC/REDEH. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/34949936/Caderno-GRAVAD>>. Acesso em: 08 fev 2020.

Jesus, J. G. (2012). Orientações sobre identidade de gênero: *conceitos e termos*. Brasília, DF. Disponível em: <

content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>.

Acesso em: 10 ago 2020.

Leão, A. M. C. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da UNESP-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara - SP. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/1905.pdf>. Acesso em 20 nov 2020.

Leão, A. M. C. (2018). A in/formação do gestor escolar para lidar com situações de sexualidade. *Revista Nuances: estudos sobre Educação*, v. 29, n. 2, pp. 85-103. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/5039/pdf>>. Acesso em: 05 jan 2021.

Leão, A. M. C., & Ribeiro, P. R. M. (2013). Curso de formação inicial em sexualidade: Relato de uma proposta interventiva. *Revista Ibero-americana de estudos em educação*, v. 8, pp. 609-638. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/125364>>. Acesso em 10 ago 2020.

Leão, A. M. C., Ribeiro, P. R. M., & Bedin, R. C. (2010). Sexualidade e orientação sexual na escola em foco: algumas reflexões sobre a formação de professores. *Revista Linhas*, v. 11, n. 1 pp. 36-52 Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2015/1568>>. Acesso em 02 jan 2021.

Leite, L. L., & Maio, E. R. (2013). Gênero e sexualidade na educação infantil e a importância da intervenção pedagógica. *VIII Encontro de produção científica e tecnológica – O método científico*. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão – PR. Disponível em: <http://www.fecilcam.br/nupem/anais_viii_epct/PDF/TRABALHOS-COMPLETO/AnaisCH/PEDAGOGIA/06-completo.pdf>. Acesso em: 05 jan 2021.

Leôncio, J. M. M. (2013). A orientação sexual nas escolas a partir dos parâmetros curriculares nacionais. *Educação, Gestão e Sociedade: Revista da Faculdade Eça de Queirós*, v. 3, n. 12, pp 01-13 Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509155531.pdf>. Acesso em 02 jan 2021.

Libâneo, J. C. (2006). *Didática*. São Paulo – SP, Editora Cortez.

Lopes, R. C. S. (2008). *A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem*. Produção didática, Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Ponta Grossa - PR. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-6.pdf>>. Acesso em: 02 jan 2020.

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis - RJ, Editora Vozes.

Luckesi, C. C. (1994). *Filosofia da Educação*. São Paulo – SP, Editora Cortez.

Luckesi, C. C. (2014). Ludicidade e formação do educador. *Revista Entreideias*, v. 3, n. 2, pp. 13-23, Salvador - BA. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/9168/8976>>. Acesso em 10 ago 2020.

Ludke, M., & André M. E. D. A. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo – SP, Editora EPU.

Maia, A. C. B. (2004). Orientação sexual na escola. *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*, Org. Ribeiro, P. R. M., pp. 153-179. São Paulo, Livraria Arte & Ciência.

Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2011). Educação sexual: Princípios para ação. *Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, v. 15, n.1 pp. 75-84. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124985>>. Acesso em: 10 ago 2020.

Maia, A. C. B., Eidt, N. M., Terra, B. M., & Maia, G. L. (2012). Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, v. 17, n.1, pp. 151-156. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000100017>>. Acesso em 03 jan 2021.

Maksud, I. (2008). Sexualidade e mídia: discursos jornalísticos sobre o "sexual" e vida privada. *Psicologia em Estudo*, v. 13, n. 4, pp. 663-671. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000400004>>. Acesso em 30 dez 2020.

Mattos, A. H., Ferreira, A., & Jabur, S. S. (2008). O papel do Educador na construção de uma Sexualidade Emancipatória no Colégio Estadual Gabriel de Lara em Matinhos - PR. *EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação*, pp. 4644-4656, Curitiba – PR. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/388_912.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

Mazzeu, F. J. C. (1998). **Uma proposta metodológica para a formação continuada de professores na perspectiva histórico-social.** *Cadernos CEDES*, v. 19, n. 44, pp 59-72. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01013262199800010006>. Acesso em 10 mar 2018.

Miranda, J. R. (2015). A educação sexual como disciplina no currículo da formação inicial de professores: caminhos, conquistas e desafios. *EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação*, pp. 12761-12775, Curitiba – PR. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18529_7770.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

Nóvoa, A. (1999). Os Professores na Virada do Milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. *Educação e Pesquisa*, v. 25, n. 1, pp. 11-20. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a02.pdf>>. Acesso em 10 ago 2020.

Nunes, C. A. (2011). Política, sexualidade e educação. *Filosofia e Educação*, v. 3, n. 2, pp. 04–17. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635447/3240>>. Acesso em: 10 ago 2020.

Oliveira, C. L. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Revista Travessias*, ed. 4, v. 2, n. 3, pp. 02-16. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>>. Acesso em: 10 ago 2020.

Oliveira, L. S., & Ribeiro, P. R. C. (2011). Educação para a sexualidade na escola: problematizando discursos infantis. *II Simpósio Internacional de Educação Sexual (SIES), Gênero e Diversidade Sexual: Trajetórias escolares*, Maringá – PR. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2011/189.pdf>>. Acesso em 05 jan 2021,

Oliveira, V. L. B. (2009). Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. *Múltiplos temas, compromissos comuns*, pp. 173-189. Org. Mary Neide Damico Figueiró, Universidade Estadual de Londrina – PR.

Pesente, C. H. S., & Medeiros, K. M. A. (2006). *Escola ativa: aspectos legais*. FUNDESCOLA/DIPRO/FNDE/MEC, Brasília - DF. Disponível em: <ftp.fnde.gov.br/web/fundescola/publicacoes_material_didatico/aspectos_legais_escol_ativa.pdf>. Acesso em 20 mar 2020.

Pinheiro, A. S., Silva, L. R. G., & Tourinho, M. B. A. C. (2017). A estratégia saúde da família e a escola na educação sexual: uma perspectiva de intersectorialidade. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 15, n. 3, pp. 803-822. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00084>>. Acesso em: 30 mar 2020.

Rena, L. C. C. B. (2006). *Sexualidade e Adolescência – As oficinas como prática pedagógica*. Belo Horizonte – MG, Editora Autêntica.

Ribeiro, E. A. (2008). A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, v. 4, n. 5, pp. 129-148. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/33249846/._A_perspectiva_da_entrevista_na_investigacao_qualitativa.pdf>. Acesso em 02 mar 2021.

Ribeiro, P. R. M. (1990). *Educação sexual além da informação*. São Paulo – SP, Editora EPU.

Ribeiro, P. R. M. (2002). Sexualidade e educação sexual: *Apontamento para uma reflexão*. (Série Temas em Educação Escolar, n. 4). São Paulo: Cultural Acadêmica.

Ribeiro, P. R. M. (2009). A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da Educação Sexual no Brasil. *Múltiplos temas, compromissos comuns*, pp. 129-140. Org. Mary Neide Damico Figueiró, Universidade Estadual de Londrina – PR.

Ribeiro, P. R. M. (2017). Entrevista: Educação para sexualidade. *Revista diversidade e educação*, v. 5, n. 2, pp. 07-15. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7867>>. Acesso em 20 ago 2020.

Ribeiro, P. R. M., & Bedin, R. C. (2013). Notas preliminares sobre historiografia da educação sexual brasileira: apontamentos de uma cronologia descritiva. 1. Atitudes e comportamentos sexuais no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. *DOXA - Revista Brasileira de Psicologia e Educação*, v. 17, n. 1 pp. 149-168. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124988>>. Acesso em 20 ago 2020.

Ribeiro, C. M., & Alvarenga, C. F. (2014). “Tranca a porta! Não deixem elas saírem” – um contexto para emergir as expressões das crianças sobre gênero e sexualidade. *Revista Textura (ULBRA)*, v. 16, n. 32, pp. 187-207. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1251/941>>. Acesso em 20 fev 2020.

Rojo, R. H. R. (2001). Modelização didática e planejamento: Duas práticas esquecidas do professor? *A Formação do Professor: Perspectivas da Linguística Aplicada*, pp. 313-335. Org. Angela B. Kleiman, Editora Mercado de Letras.

Rosa, G. F. (2008). O corpo feito cenário. *Corpo, gênero e sexualidade*, ed. 2, pp. 17-30. Org. Meyer, D., & Soares, R., Porto Alegre – RS, Editora Mediação.

Santana, J. R., & Waisse, S. (2016). Chegada e difusão da pílula anticoncepcional no Brasil, 1962-1972: qual informação foi disponibilizada às usuárias potenciais? *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 9, n. 2, pp. 203-218.

Silva, C. S. F., Brancaloni, A. P. L., & Oliveira, R. R. (2019). Base nacional comum curricular e diversidade sexual e de gênero: (des)caracterizações. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 14, n. 2, pp. 1538-1555. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12051/8347>>. Acesso em: 20 ago 2020.

Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005) *Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação*. UFSC – Florianópolis, ed. 4, p. 138.

Silva, M. M., & Tunice, L. M. C. (2019). O papel da Gestão Escolar na tratativa de demandas relacionadas a problemas de Identidade de Gênero na Educação Básica. *Revista ECCOM*, v. 10, n. 20, pp. 183-190. Disponível em: <<http://unifatea.com.br/seer3/index.php/ECCOM/article/view/1069/995>>. Acesso em 20 ago 2020.

Silva, S. B. B. (2003). *Formação de Professores e PCN: um olhar sobre a leitura e o material de leitura*. Tese de Doutorado, p. 60, UNICAMP, Campinas – SP. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269266>>. Acesso em 20 ago 2020.

Souza, A. P., & Milani, D. R. C. (2020). Como pais lidam frente à necessidade de orientação sobre sexualidade nas escolas. *Da educação básica ao ensino superior: Os desafios dos docentes no século XXI*, pp. 72-78. Org. Rocha, A. R. A., & Silva, D., UNIEDUSUL – Maringá, PR.

Souza, A. P., Milani, D. R. C., & Ribeiro, P. R. M. (2020). A Educação sexual e o papel do educador: reflexões a partir de um contexto social em transformação. *Revista Dialogia*, n. 34, pp. 95-106. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/Dialogia.n34.16635>>. Acesso em 20 ago 2020.

Teixeira, N. F. (2015). Metodologias de pesquisa em educação: Possibilidades e adequações. *Caderno pedagógico*, v. 12, n. 2, pp. 07-17. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/view/955/943>>. Acesso em 20 ago 2020.

Teles, M. L. (1992). *Educação, a revolução necessária*. Petrópolis – RJ, Editora Vozes.

Turk, N. H., Joinhas, F. A., Tsuzuki, F., & Maistro, V. I. A. (2015). Sexualidade na escola: ampliando limites, desafiando e reconhecendo possibilidades. *EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação*, pp. 20136-20147, Curitiba – PR. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16443_8714.pdf>. Acesso em: 18 maio 2020.

UNESCO. (n.d.). *Programa saúde e prevenção nas escolas (SPE)*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/health-education-in-brazil/sexuality-education-in-brazil/about-health-and-prevention-in-schools-project/>>. Acesso em: 02 set 2018.

Urquiza, M. A., & Marques, D. B. (2016). Análise de conteúdo em termos de Bardin aplicada à comunicação corporativa sob o signo de uma abordagem teórico-empírica. *Entretextos*, v. 16, n. 1. pp. 115-144. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/20988/2001>>. Acesso em: 20 ago 2020.

Veroneze, D. J., Nogaro, A., Silva, F. L., & Zanoello, S. F. (2016). Consensos e dissensos entre os parâmetros curriculares nacionais e a base nacional comum curricular. *Educação Matemática na Contemporaneidade: desafios e possibilidades, XII Encontro Nacional de Educação Matemática*, São Paulo – SP.

Vianna, C. E. S. (2006). Evolução histórica do conceito de educação e os objetivos constitucionais da educação brasileira. *Revista Janus*, v. 3, n. 4, pp. 129-140. Disponível em: <<http://www.publicacoes.fatea.br/index.php/janus/article/viewFile/41/44>>. Acesso em: 05 abril 2020

Vilaça, M. T. (2008). Projecto de Educação Sexual Orientado para a Acção e Participação: Efeitos nas Escolas, Professores, Pais e Alunos. *Saúde, Cultura e Sociedade (Actas do III Congresso Internacional)*. Disponível em: <[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/32584/1/Vilaca%20Teresa \(2007\)_1-21.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/32584/1/Vilaca%20Teresa%20(2007)_1-21.pdf)>. Acesso em: 20 ago 2020.

World Association for Sexology. (1997). *Declaração dos Direitos Sexuais*. Valência. *Revista Terapia Sexual*, São Paulo, v. 2, n. 2, 1999. Pp. 121-122.

APÊNDICE I

ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

Projeto de Pesquisa: Desvelando a sexualidade na educação: repensando estratégias para formação de educadores em educação

Mestranda: Aline Patrícia de Souza

Orientadora: Professora Dra. Débora Raquel Milani

1- Nome e idade

2- Qual sua formação?

3- Em qual turma e rede trabalha atualmente? (Faixa etária, rede pública ou municipal)

4- Em sua formação você estudou sobre Educação Sexual? Como isso foi abordado?

5- Você já se deparou com questões envolvendo sexualidade em seu trabalho? Como você lidou com isso?

6- Você se sente seguro para orientar um aluno ou dar uma aula sobre a temática? Por quê?

7- Quando você precisou falar sobre sexualidade, qual material você usou como base?

8- Qual o posicionamento da gestão de sua escola frente a estas demandas?

9 – Como os pais de seus alunos reagem quando o assunto é passado à eles?

ANEXO I



UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS E LETRAS -
CAMPUS ARARAQUARA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESVELANDO A SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: REPENSANDO ESTRATÉGIAS PARA FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL

Pesquisador: Aline Patrícia de Souza

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 18121019.2.0000.5400

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus Araraquara

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.506.735

Apresentação do Projeto:

Projeto bem apresentado com consistência teórica

Objetivo da Pesquisa:

São claros e evidenciam o problema de pesquisa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Estão definidos nos documentos apresentados

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com objetivos e metodologia bem apresentados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

São apresentados todos os documentos necessários.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da FCLAr/Unesp, reunido em 12/08/2019, manifesta-se pela **APROVAÇÃO** do protocolo de pesquisa proposto. O relatório final deverá ser entregue até 06 (seis) meses após a data de finalização da pesquisa, conforme projeção do cronograma constante do projeto aprovado.

Endereço: Rod. Araraquara- Jaú Km1

Bairro: CENTRO

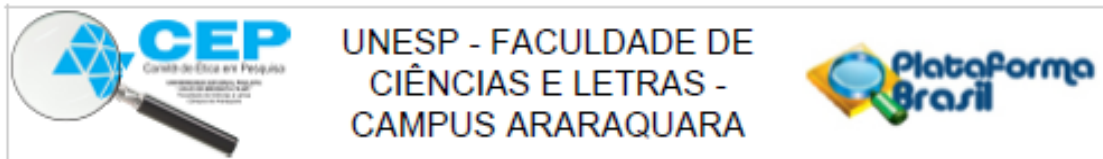
CEP: 14.800-901

UF: SP

Município: ARARAQUARA

Telefone: (16)3334-6124

E-mail: comitedeetica@fclar.unesp.br



Continuação do Parecer: 3.506.735

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1347173.pdf	18/07/2019 09:33:12		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_pesquisa.docx	18/07/2019 09:29:19	Aline Patrícia de Souza	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_projeto_Aline.docx	18/07/2019 09:03:33	Aline Patrícia de Souza	Aceito
Folha de Rosto	Folha_rosto_assinada.pdf	18/07/2019 09:01:30	Aline Patrícia de Souza	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARARAQUARA, 14 de Agosto de 2019

Assinado por:
Sebastião de Souza Lemes
(Coordenador(a))